

**FACULDADE DO SUL DA BAHIA – FASB**  
**COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

**MARLENE PIRES ROCHA**  
**RUBENS FLORIANO SANTOS**

**WEBJORNALISMO E AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE MATRIZ  
AFRICANA: UM RECORTE DA REGIÃO EXTREMO SUL DA BAHIA**

**TEIXEIRA DE FREITAS, BAHIA**  
**2012**

**MARLENE PIRES ROCHA**  
**RUBENS FLORIANO SANTOS**

## **WEBJORNALISMO E AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE MATRIZ AFRICANA: UM RECORTE DA REGIÃO EXTREMO SUL DA BAHIA**

Monografia apresentada ao Colegiado de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Faculdade do Sul da Bahia - FASB, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. M.Sc. Jessyluce Cardoso Reis

**TEIXEIRA DE FREITAS, BAHIA**

**2012**



**MARLENE PIRES ROCHA**

**RUBENS FLORIANO SANTOS**

**WEBJORNALISMO E AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE MATRIZ  
AFRICANA: UM RECORTE DA REGIÃO EXTREMO SUL DA BAHIA.**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Faculdade do Sul da Bahia - FASB, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.

Aprovada em 21 de dezembro de 2012.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> M. Sc. Jessyluce Cardoso Reis  
Faculdade do Sul da Bahia - FASB  
Orientadora

---

Prof<sup>a</sup> Esp. Amabele Amorim Aguiar  
Faculdade do Sul da Bahia - FASB  
Examinador(a)

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Olga Suely Soares  
Faculdade do Sul da Bahia - FASB  
Examinador(a)

Às comunidades tradicionais e povos ribeirinhos do extremo Sul da Bahia que, apesar dos fortes tons das suas cores e da singularidade do som de seus tambores, carecem de atenção.

Agradeço aos meus familiares, por entenderem a minha dedicação e se adaptarem à minha ausência.

Rubens Floriano

Agradecemos à orientadora Jessyluce Cardoso Reis pelo incentivo, pela dedicação e pela paciência ao longo deste trabalho.

Marlene Rocha e Rubens Floriano

*“Os jornalistas, os arquitetos de informação – toda essa gente que formata informação para as massas agora é forçada a repensar a maneira de apresentar seus produtos”.*

Saul Wurman.

*“As heranças congo angolanas, que em grande parte nos tornaram o que somos, nos lembram o quanto é importante perceber, reconhecer e se orgulhar do nosso pertencimento à África”.*

Mônica Lima

## RESUMO

A presente monografia pretende analisar, através de pesquisa bibliográfica e de campo, de que forma o webjornalismo pode contribuir para o fortalecimento e a disseminação das manifestações culturais de matriz africana no extremo Sul da Bahia. A internet se apresenta como o ambiente ideal para a difusão da informação e o webjornalismo se utiliza da convergência dos meios de comunicação para, através das novas tecnologias, propagar a notícia e disseminar aspectos culturais. O presente trabalho monográfico está organizado contemplando dois eixos, a saber: webjornalismo e cultura. As pesquisas sobre webjornalismo estão fundamentadas na linha de pensamento dos teóricos: FERRARI (2012), GUIZZO (2002), LÉVY (2010), MIELNICZUK (2003) PADILHA (2008), e PALACIOS (2003). E no trato das discussões sobre cultura buscou-se embasamento nos teóricos ALBUQUERQUE (2006), BASTIDE (1978), DAMATTA (1984), GEERTZ (1989), GUIDDENS (2010), HALL (2006) e SANTOS (2007), dentre outros. Sendo a presente pesquisa relevante para compreensão da atuação dos profissionais e empresários da intermídia quanto à difusão e fortalecimento de aspectos culturais tão específicos, visto que as tradições culturais são parte integrante da história de um povo.

## PALAVRAS-CHAVE:

Manifestações culturais; Webjornalismo; Extremo Sul da Bahia; Cultura afro-brasileira.

## ABSTRACT

This monograph seeks to analyze, through bibliographical and field research, how the web journalism can contribute to the strengthening and spread of African cultural matrix demonstrations in the extreme south of Bahia. The internet presents itself as the ideal environment for the dissemination of information and web journalism uses the convergence of media to, by means of new technologies, spread the news and disseminate cultural aspects. The present monographical work is organized as two axes, namely: web journalism and culture. Research on web journalism are grounded in the academics line of thought: FERRARI (2012), GUIZZO (2002), LÉVY (2010), MIELNICZUK (2003) PADILHA (2008) and PALACIOS (2003). And in dealing with discussions of culture was sought grounding in theoretical ALBUQUERQUE (2006), BASTIDE (1978), DAMATTA (1984), GEERTZ (1989), GUIDDENS (2010), HALL (2006) and SANTOS (2007), among others. Since this research is relevant to comprehension of work of professionals and businessmen of intermedia as the dissemination and strengthening of cultural aspects as specific, since cultural traditions are an integral part of the history of a people.

### KEY WORDS:

Cultural events; Extreme South of Bahia; Brazilian african culture; Webjournalism;

## LISTA DE SIGLAS

ARPANET - Advanced Research Projects Agency Network

BA - Bahia

BR – Brasil

EMBRATEL – Empresa Brasileira de Telecomunicações

FASB – Faculdade do Sul da Bahia

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MBPS - Megabit por segundo

NSFNET - National Science Foundation Network

SMS - Short Message Service

VHS - Video Home System

WWW - World Wide Web

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	12
<b>2 O ADVENTO DA <i>INTERNET</i> E O <i>WEBJORNALISMO</i>.....</b>	16
2.1 <i>WEBJORNALISMO: DA CONCEPÇÃO À EXPANSÃO.....</i>	21
2.2 CARACTERÍSTICAS DO <i>WEBJORNALISMO</i> .....	25
2.3 <i>WEBJORNALISMO COMO FERRAMENTA DA DIFUSÃO CULTURAL.....</i>	29
2.4 A CONTRIBUIÇÃO DO <i>WEBJORNALISMO</i> PARA A DIFUSÃO E PERPETUAÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE RAIZ AFRICANA....	33
2.4.1 A gênese das manifestações culturais de raiz africana: de onde vieram e como se adaptaram.....	35
2.4.2 As manifestações de raízes africanas no extremo Sul da Bahia .....	42
<b>3 METODOLOGIA DA PESQUISA .....</b>	46
3.1 A ESCOLHA DO OBJETO DA PESQUISA .....	46
3.2 O CAMPO DA PESQUISA .....	47
3.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA .....	49
3.4 ABORDAGEM METODOLÓGICA .....	50
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	53
4.1 PERCEPÇÃO DO CONTEXTO PESQUISADO: O QUE DIZEM OS ENTREVISTADOS .....	53
4.1.1 Análise e discussão do eixo <i>webjornalismo</i> .....	54
4.1.2 Análise e discussão do eixo das manifestações de raiz africana.....	58
<b>5 BREVES CONSIDERAÇÕES.....</b>	66
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	69

## **1 INTRODUÇÃO**

A presente monografia objetivou compreender como as manifestações culturais de raízes africanas são retratadas pelos veículos de comunicação em especial pelo jornalismo *online*, no extremo Sul da Bahia, tendo como foco os municípios de Nova Viçosa e Caravelas, analisando os aspectos da crença e da estética dessas tradições, visto que o *webjornalismo* apresenta-se como importante ferramenta para a difusão das culturas, pela abrangência global e pela imediaticidade.

A temática trabalhada está intimamente ligada às raízes étnicas da população brasileira. Já que o Brasil foi colonizado por europeus que posteriormente introduziram aqui povos africanos, numa colonização escravista e exploradora que se constituiu como comunidades remanescentes de quilombos ou de fazendas escravocratas, perpetuando ao longo da história seus festejos e manifestações culturais.

Mediante o exposto, o referido estudo fundamentou-se teoricamente em discussões científicas que dão sustentação às proposições apresentadas a partir da análise da consciência sociocultural, no que concerne a preservação e a transmissão das manifestações culturais.

Optou-se por analisar através de pesquisa bibliográfica e de campo de que forma o webjornalismo contribui para o fortalecimento e a disseminação das manifestações culturais de matriz africana, no extremo Sul da Bahia, em especial nos municípios de Caravelas e Nova Viçosa, considerando a estética e a crença.

No Brasil essas manifestações culturais de cunho religioso encontraram terreno fértil, especialmente no estado da Bahia, devido a influência da cultura europeia cristã, totalmente fundamentada na religião católica, dando ênfase ao sincretismo religioso e adquirindo assim, características próprias. Parafraseando ROGER BASTIDE (1973), o sincretismo não é uma coisa fixa, e sim variável que penetrou nos costumes dando lugar a novas variações.

Observa-se que hoje atrai adeptos nos mais diversos setores da sociedade, saindo aos poucos da obscuridade até então a ela relegada e adquirindo relevância como importante religião afro-brasileira, tornando-se, também, uma vitrine de manifestações artísticas e culturais. Daí a importância desse estudo que busca analisar e compreender a função social do webjornalismo na propagação dessas manifestações no contexto pesquisado.

Para melhor compreensão do proposto, o estudo aqui apresentado está organizado contemplando dois eixos, a saber: webjornalismo e cultura. As pesquisas sobre webjornalismo estão fundamentadas na linha de pensamento dos teóricos: :PALACIOS (2003), FERRARI (2012), LÉVY (2010), PADILHA (2008), MIELNICZUK

(2003) e GUIZZO (2002). E no trato das discussões sobre cultura buscou-se embasamento nos teóricos: ALBUQUERQUE (2006), BASTIDE (1978), GEERTZ (1989), DAMATTA (1984), SANTOS (2007), HALL (2006), GUIDDENS (2010), dentre outros.

No primeiro capítulo, cujo título é *O advento da internet e o webjornalismo*, enfatiza-se o surgimento do webjornalismo e sua expansão. Também nesse capítulo trata-se das características do jornalismo *online*, destacando seu papel como instrumento de propagação cultural e a contribuição midiática para a difusão e perpetuação das manifestações culturais de raízes afro brasileiras. Destaca-se também a gênese dessas manifestações de matriz africana, de onde vieram e como se adaptaram. Aborda ainda um breve histórico dessas manifestações no extremo Sul da Bahia, em especial nos municípios de Caravelas e Nova Viçosa, destacando o povoado de Helvécia por ser um núcleo populacional onde a miscigenação racial foi menos intensa, deixando fortes marcas culturais de seus antecedentes.

No capítulo 2, tratar-se-á da Metodologia utilizada na pesquisa, justificando-se a escolha do objeto e dos sujeitos de estudo, assim como a abordagem metodológica.

No terceiro e último capítulo apresenta-se os Resultados e Discussão sobre o Webjornalismo na Área de Atuação, a percepção do contexto pesquisado com análise do que disseram os entrevistados, documentos, fotografias e relatos orais colhidos durante todo o processo de pesquisa.

Finalizando, apresenta-se, segundo o estudo do objeto, as Breves Considerações dos Autores, com possíveis proposições sobre o que pode ser feito

para que o *webjornalismo* seja um instrumento difusor dessas manifestações, propagando a cultura de forma abrangente.

## 2 O ADVENTO DA *INTERNET* E O WEBJORNALISMO

Os primeiros registros do embrião que daria origem à *internet* datam de agosto de 1962 e foram escritos por J. C. R. Licklider do MIT (Massachusetts Institute of Technology). GUSTAVO KREUZIG BASTOS (2002) relata que,

Em seus manuscritos, Licklider discutia sobre o que chamou de Rede Galáxia, um sistema global de computadores conectados entre si, a partir do qual qualquer pessoa de qualquer lugar poderia ter acesso a todas as informações e softwares<sup>1</sup> de que necessitasse. Em essência, as ideias de Licklider eram muito semelhantes à *internet* atual. (p.16).

A rede mundial de computadores, ou *internet*, foi criada com objetivos militares na época da Guerra Fria<sup>2</sup>. Era uma forma de as forças armadas norte-americanas manterem comunicação em caso de ataques inimigos que destruíssem os meios convencionais de telecomunicações. De acordo com os estudos de MANUEL CASTELLS (1999),

---

<sup>1</sup> Segmento de comandos executados, manipulados, redirecionados, modificados ou seguidos gerando a alteração de uma informação (dado) ou evento. Todo procedimento mostrado pela execução do conjunto de instruções em computadores, também é denominado software.

<sup>2</sup> Guerra Fria é a designação atribuída ao período histórico de disputas estratégicas e conflitos indiretos entre os Estados Unidos e a União Soviética, compreendendo o período entre o final da Segunda Guerra Mundial (1945) e a extinção da União Soviética (1991).

A internet originou-se de um esquema ousado, imaginado na década de 1960 pelos guerreiros tecnológicos da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (a mítica DARPA) para impedir a tomada ou destruição do sistema norte americano de comunicações pelos soviéticos, em caso de guerra nuclear. (p.44).

Já em 1967, segundo ÉRICO GUIZZO (2002), durante uma conferência da Association for Computing Machinery, Lawrence G. Roberts<sup>3</sup> apresentou o plano de construção de uma rede de computadores que seria a ARPANET. O mesmo teórico afirma que Paul Baran, pesquisador da Rand Corporation<sup>4</sup>, desenvolveu um estudo sobre Comunicação Distribuída que “propunha um sistema de comunicação resistente a ataques localizados que continha conceitos inovadores: rede distribuída e caminhos redundantes” (p.18). Ainda sobre a ARPANET, CASTELLS (1999), complementa que,

O resultado foi uma arquitetura de rede que, como queriam seus inventores, não pode ser controlada a partir de nenhum centro e é composta por milhares de redes de computadores autônomos com inúmeras maneiras de conexão, contornando barreiras eletrônicas. [...] a ARPANET, rede estabelecida pelo Departamento de Defesa dos EUA, tornou-se a base de uma rede de comunicação horizontal global composta de milhares de redes de computadores. (p.44).

Nas décadas de 1970 e 1980 a *internet*, além do uso militar, agregou também a comunicação acadêmica. Tanto professores quanto estudantes universitários, especialmente dos Estados Unidos, usaram a rede mundial para trocarem experiências e mensagens sobre projetos, ideias e descobertas. De acordo com os estudos de POLLYANA FERRARI (2012),

Em 1986, a National Science Foundation (NSF – Fundação Nacional de Ciência) fez uma significativa contribuição para a expansão da internet, quando desenvolveu uma rede que conectava pesquisadores de todo o país por meio de grandes centros de informática e computadores. Foi chamada de NSFNET. [...] O cenário no final dos anos 80 era este: muitos computadores conectados, mas principalmente computadores acadêmicos instalados em laboratórios e centros de pesquisa. (p.15 e 16).

---

<sup>3</sup> Pesquisador do Massachusetts Intitute of Teclogy.

<sup>4</sup> Empresa norte americana com fins lucrativos que desenvolve projetos de alta tecnologia.

A Fundação Nacional de Ciência restringia seu uso para fins de educação e pesquisa. Segundo GUIZZO (2002), houve em 1991 a liberação da NSFNET para fins comerciais ao afirmar que,

Iniciava-se aí a chamada privatização da NSFNET, que alavancou grandes investimentos por parte do setor privado na estrutura da rede. Numerosas empresas começaram a oferecer acesso à rede e a prestar serviços através dela. (p.21 e 22).

Paralelo aos avanços da Fundação Nacional de Ciência, outro núcleo de pesquisadores sob a coordenação de Tim Berners-Lee, criava a *World Wide Web*<sup>5</sup> (Rede de Abrangência Mundial), tendo como base o hipertexto<sup>6</sup> e sistemas de recursos para a *internet*.

Parafraseando BASTOS (2002), a WWW é realmente um sistema incrível, pois permite que o usuário tenha acesso a uma infinidade de informações apenas com um clique do *mouse*, navegando entre uma página e outra, como se fosse um grande documento em hipertexto. Mesmo que os *links*<sup>7</sup> das páginas sejam de servidores diferentes o usuário da *web* não perceberá a diferença. (p.19). GUIZZO (2002) acrescenta que,

Com a Internet, todas essas redes se ligaram, criando uma rede global. [...] Por meio da Internet é possível compartilhar dados e recursos em escala global, e não apenas local. Na Internet não existem fronteiras para a comunicação. [...] Não há diferença entre acessar dados num computador em Sidney ou num computador localizado em sua cidade. [...] O que importa é que ambos estão ligados numa imensa rede global de computadores. (p.31).

Sobre o leque de opções que se abre ao simples clique de um *mouse* num endereço *web*, LUCIANA MIELNICZUK (2003) dispõe que,

---

<sup>5</sup> O termo Web foi adotado como abreviatura de World Wide Web, um sistema de informação e de comunicação utilizado na internet que permite a transmissão de dados em hipermídia e funciona de acordo com o modelo cliente/servidor.

<sup>6</sup> Sistema de organização da informação, no qual certas palavras de um documento estão ligadas a outros documentos, exibindo o texto quando a palavra é selecionada.

<sup>7</sup> Um link é uma ligação entre documentos na Internet. Podem ser ligações de um texto para outro texto, imagem, som ou vídeo (ou vice-versa). Um clique em um link te conduzirá automaticamente para o documento "linkado" (ligado). Atalho.

Na *web*, a notícia é fragmentada em blocos de textos conectados entre si através de *links*, ou então, a notícia é relacionada com outros documentos e textos que complementam a informação disponibilizada. Além disso, o hipertexto cria a oportunidade de utilizar, concomitantemente, textos escritos, sons e imagens, na mesma narrativa. (p.14).

Esses elementos, disponibilizados de forma ágil e de fácil acesso, torna a comunicação instantânea e eficaz. Encontra-se no mesmo lugar uma gama de informações sem precisar se deslocar do ambiente doméstico, acadêmico ou de trabalho. Basta ter acesso à *internet*.

No Brasil, somente na década de 1990 os acadêmicos tiveram acesso à rede mundial de computadores. Antes disso, ela só estava disponível para fins estatais e restritos. Essa realidade, aos poucos foi se transformando, permitindo que empresas privadas tivessem acesso e, posteriormente, o domínio comercial da nova tecnologia. GUIZZO (2002), afirma que, em 1989,

Através do Altanex<sup>8</sup> era possível trocar mensagens com diversos sistemas de correio eletrônico de todo o mundo, incluindo a *internet*. O Altanex foi, portanto, o primeiro serviço brasileiro de acesso à *internet* fora da comunidade acadêmica (p. 24).

Outra observação a ser feita é o fato de que no Brasil o *webjornalismo* surgiu paralelo à expansão da *internet*. Matéria vinculada no terra.com.br diz respeito aos primeiros *sites* surgidos no Brasil e suas peculiaridades, e sobre a influência que exerceram nas relações interpessoais, afirmando que,

Os primeiros sites brasileiros surgidos eram de notícias. Depois, surgiram os de compras, entretenimento e pesquisa. Assim, a rede nacional começou a crescer. Para o público médio, e-mail e as salas de bate-papo (chats) foram dois dos principais carros-chefes para a popularização da Internet. A forma de comunicação entre as pessoas mudou tanto no ambiente de trabalho quanto na vida particular. (<http://tecnologia.terra.com.br/internet10anos/interna/0,OI541825-EI5026,00.html>).

---

<sup>8</sup> Serviço internacional de mensagens e conferências eletrônicas.

Ainda sobre a *internet* e sua explosão no Brasil, GUIZZO (2002) relata que foi ao longo do ano de 1996 que aconteceu o grande *boom* da rede no país. Ele credita esse crescimento a fatores tais como a melhoria nos serviços da Embratel<sup>9</sup> e principalmente ao crescimento natural do mercado. O autor informa que,

[...] a Internet brasileira crescia vertiginosamente, tanto em número de usuário quanto de provedores e de serviços prestados através da rede. Uma das provas de que a Internet realmente havia decolado no Brasil veio no dia 14 de dezembro de 1996, quando Gilberto Gil<sup>10</sup> fez o lançamento de sua música *Pela Internet* através da própria rede, cantando uma versão acústica da música ao vivo e conversando com internautas sobre sua relação com a Internet (p.26).

Em abril de 2012, o site da Revista Exame (Fundação Getúlio Vargas *apud* GABRIELA RUIC) informa que o número de computadores cresce de forma vertiginosa no Brasil, superando todas as expectativas. Atualmente há um computador para cada dois habitantes. A referida pesquisa revela que,

A cada segundo, um computador é vendido no Brasil. A impressionante constatação foi divulgada hoje (08/04/2012) na 23ª Pesquisa Anual do Uso de TI, 2010, conduzida pela FGV (Fundação Getúlio Vargas). O estudo revelou a base ativa de PCs no país dobrou em apenas 4 anos. Saltou de 50 milhões em 2008 para quase 100 milhões em 2012. (<http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/a-cada-minuto-um-computador-e-vendido-no-brasil-diz-fgv>).

Foi assim que uma rede de computadores desenvolvida e usada apenas por acadêmicos, financiada pelo governo e posteriormente pela iniciativa privada, expandiu, transformando-se no maior sistema comunicacional do mundo. Parafraseando GUIZZO (2002) pode-se dizer que as novas tecnologias deixam a comunicação muito mais ágil, aceleram o conhecimento e apressam o tempo. “A Internet tem implicações profundas na pesquisa, no comércio, no entretenimento, no trabalho, na educação” (p.39).

---

<sup>9</sup> Empresa Brasileira de Telecomunicação.

<sup>10</sup> Gilberto Passos Gil Moreira (Salvador, 1942) é músico e político brasileiro.

O Brasil não foi um dos últimos países a aderir ao advento da *internet*. Apesar das adversidades, o Brasil acolheu e desenvolveu mecanismos que facilitaram o desenvolvimento e a disseminação de conteúdos em tempo real, oferecidos na *web* de forma quase que instantânea.

## 2.1 WEBJORNALISMO: DA CONCEPÇÃO À EXPANSÃO

Há diversas nomenclaturas para definir o jornalismo disponível na *internet*. Dentre eles destacam-se ‘jornalismo eletrônico’, ‘jornalismo digital’, ‘jornalismo *online*’, ‘ciberjornalismo’ e ‘webjornalismo’. MIELNICZUC (2003) aborda a questão da seguinte forma:

Em linhas gerais, observa-se que autores norte-americanos utilizam o termo ‘jornalismo *online*’ ou ‘jornalismo digital’, já os autores espanhóis preferem o termo ‘jornalismo eletrônico’. Também, em outras fontes, são utilizadas as nomenclaturas ‘jornalismo multimídia’ ou ‘ciberjornalismo’. De forma genérica pode-se dizer que autores brasileiros seguem os norte-americanos, utilizando com maior frequência o termo ‘jornalismo *online*’ ou ‘jornalismo digital’. (p.22).

Exemplificando, a autora mostra que na rotina jornalísticas todas as nomenclaturas estão associadas às atividades desenvolvidas pelo profissional. Ela afirma que ao assistir uma reportagem gravada em fita VHS, usa-se o jornalismo eletrônico; ao trocar *e-mails* com as fontes, é jornalismo *online*; ao consultar um arquivo eletrônico, é jornalismo digital; numa consulta a dados armazenados num computador, é ciberjornalismo; e, finalmente, ler *sites* de notícias disponibilizadas na *web*, é webjornalismo.

Quase duas décadas após o surgimento do jornalismo digital não existe uma definição sobre a sua nomenclatura. Segundo FELIPE PENNA (2008, p.176), “a confusão conceitual envolve os termos *webjornalismo*, *jornalismo online* e *ciberjornalismo*, entre outros”. Para o autor, “Jornalismo digital, então, pode ser precariamente definido como a disponibilização de informações jornalísticas em ambiente virtual, o *ciberespaço*, organizadas de forma hipertextual com potencial multimidiático e interativo”. (p.176).

O termo que melhor norteia o objeto deste trabalho, portanto, é *webjornalismo*; pela rápida associação do nome ao meio e à sua função. Visto que *web* é a abreviação do *World Wide Web* e jornalismo é a essência da atividade informacional.

O *webjornalismo* ou jornalismo digital tem sua origem nos Estados Unidos, através dos *sites* de buscas que apenas reproduziam os conteúdos do jornal impresso. No que refere ao surgimento dos *sites* jornalísticos, FERRARI (2012), afirma que,

O pioneiro foi o norte-americano *The Wall Street Journal*, que em março de 1995 lançou o *Personal Journal*, veículo entendido pela mídia como sendo o “primeiro jornal com tiragem de um exemplar”. O princípio básico desse jornal era enviar textos personalizados a telas de computadores. (p.24).

Com o desenvolvimento da *web* a *internet* passou a ser acessível para a sociedade em geral, passando a ser disponibilizada para os mais diversos fins. Nesse ambiente surge o *webjornalismo*, que num primeiro momento constituía-se das versões eletrônicas dos jornais de grande circulação. MIELNICZUK (2003) observa que,

[...] ocorre a utilização em larga escala desse ambiente para usos jornalísticos, sendo que, são as versões digitais de jornais existentes no

papel que se tornam mais visíveis diante do público leigo. Porém, antes do surgimento da *web*, a internet já era utilizada para disseminação de informações jornalísticas. Na maioria dos casos os serviços oferecidos eram direcionados para públicos muito específicos e funcionavam através da distribuição de *e-mails*. Havia também boletins disponibilizados através do *Gopher*<sup>11</sup> ou de recursos semelhantes, que representavam somente informação em texto escrito e organizado de maneira hierárquica. (p. 20).

Seguindo a tendência norte americana, dois meses depois do surgimento do *Personal Journal*, foi lançado o primeiro portal de informações jornalísticas do Brasil, uma versão eletrônica do *Jornal do Brasil*. FERRARI (2012), relata que,

O primeiro site jornalístico brasileiro foi o do *Jornal do Brasil*, criado em maio de 1995, seguido pela versão eletrônica do jornal *O Globo*. Nessa mesma época, a Agência Estado, agência de notícias do Grupo Estado, também colocou na internet sua página. (p.25).

O surgimento quase simultâneo dos portais de notícias, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, seria um enunciado do crescimento que o *webjornalismo* alcançaria nos anos seguintes.

De acordo com os estudos de MIELNICZUK (2003), “o jornalismo desenvolvido para a *web* não é um fenômeno concluído, e, sim, em constituição” (p.21). Ela afirma que a *web* vem apresentando transformações significativas e passando por avanços tecnológicos, o que abre uma infinidade de possibilidades para a prática do jornalismo. PENNA (2008), afirma que,

O ambiente virtual modificou vários aspectos da vida humana. No jornalismo, influenciou todos os tipos de veículo, em todas as fases de produção e recepção da notícia. Na própria internet, os conceitos mudam a uma velocidade impressionante, embora a linguagem para congregar todas as suas potencialidades pareça ainda não ter sido encontrada. Portais, *websites* e *blogs* descentralizam a informação. (p. 177).

---

<sup>11</sup> O *Gopher* é um sistema que possibilita o acesso a informações mantidas em diversos computadores da rede. O acesso é feito através de menus e esse sistema comporta apenas textos.

Ainda sobre as transformações provocadas pelo ambiente virtual advindas do crescimento da *internet*, no que concerne ao trato da informação jornalística, (ELIAS MACHADO<sup>12</sup> apud PENNA) afirma que,

A matriz tecnológica do jornalismo digital implode o modelo de conteúdos centrado no profissional, pois grande parte das tarefas de apuração, atualização e monitoramento dos fatos fica por conta dos agentes inteligentes, programas de busca especializados capazes de uma rotina ininterrupta de trabalho durante 24 horas por dia. (p.177, 178).

No Brasil, em pouco mais de dez anos, a *internet* teve uma ascensão vertiginosa. A cada dia conquista novos adeptos. Segundo dados do IPEA<sup>13</sup>, publicados no Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil, JOSÉ MARQUES DE MELO analisa que,

Os usuários atuais já não mais pertencem aos extratos superiores da nossa pirâmide social, como ocorria recentemente, pois 49% situava-se na classe abastada, 40% na classe média e só 11% na classe trabalhadora. Quase metade (48%) se incluía no segmento jovem, oscilando entre 10 e 24 anos. Em relação ao gênero, o segmento masculino (51%) era ligeiramente maior que o feminino (49%). (MELO, 2012, p.35, in CASTRO e MELO).

Complementando as informações acerca da disseminação de computadores pelos lares brasileiros, o referido autor ressalta que o panorama modificou-se na década passada de forma gradativa, assim configurando-se em 2011:

[...] a classe média tem presença mais acentuada (47%), a classe trabalhadora ampliou consideravelmente seu espaço, hoje estimado em 37%, não esquecendo a fatia destinada às camadas mais empobrecidas (4%) e, naturalmente, aquele espaço privativo do alto escalão (12%). As outras variáveis – idade e gênero – pouco foram modificadas. (%). (MELO, 2012, p.35, in CASTRO e MELO).

---

<sup>12</sup> Presidente da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBJJOR) – 2010.

<sup>13</sup> Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

Com percentuais em ascensão, o Brasil figura entre os cinco países do mundo com maior número de pessoas com acesso à rede. Ainda segundo o informativo de DANIEL CASTRO E MELO (2012),

A grande mudança está no protagonismo<sup>14</sup> do Brasil na rede mundial dos usuários de computadores. Ocupamos hoje quinto lugar no quadro mundial dos usuários dessa mídia digital, perfazendo um total aproximado de 75,9 milhões. Estão na nossa dianteira a China (420 milhões), os EUA (239 milhões), o Japão (99 milhões) e a Índia (81 milhões). (MELO, 2012, p.35, in CASTRO e MELO).

O crescimento do acesso à *internet* recebeu um aporte de ordem estrutural, com a criação do Programa Nacional de Banda Larga, através do Decreto nº 7.175, de 12 de maio de 2010. Entre os objetivos do Programa, segundo o Ministério das Comunicações, está o de expandir a infraestrutura e os serviços de telecomunicações, promovendo o acesso pela população e buscando as melhores condições de preço, cobertura e qualidade. Ainda de acordo com o Ministério das Comunicações, a meta é proporcionar o acesso à banda larga a 40 milhões de domicílios brasileiros até 2014 à velocidade de no mínimo um Mbps<sup>15</sup>.

## 2.2 CARACTERÍSTICAS DO WEBJORNALISMO

Os meios comunicacionais buscaram ao longo da história, algumas características importantes para uma comunicação abrangente. O webjornalismo, pelo meio em que se propaga, converge grande parte dessas características. De acordo com os estudos do professor MARCOS PALACIOS (2003) *apud* PALACIOS (1999), estabelece seis características do webjornalismo que são:

---

<sup>14</sup> Qualidade do que se destaca em qualquer acontecimento, área ou situação.

<sup>15</sup> Um Megabytes por segundo.

Multimedialidade/Convergência, Interatividade, Hipertextualidade, Personalização, Memória e Instantaneidade.

Sem a pretensão de hierarquizar as características do *webjornalismo*, abordar-se-á num primeiro momento a instantaneidade, que se apresenta na abordagem rápida, uma das propriedades da *internet*. O referido autor afirma que,

A rapidez do acesso, combinada com a facilidade de produção e de disponibilização, propiciadas pela digitalização da informação e pelas tecnologias telemáticas, permitem uma extrema agilidade de actualização do material nos jornais da Web. Isso possibilita o acompanhamento contínuo em torno do desenvolvimento dos assuntos jornalísticos de maior interesse. ([http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4\\_f.htm](http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4_f.htm)).

A partir do domínio das ferramentas, o *webjornalista* encontra grande facilidade em inserir e atualizar conteúdos na *internet*.

BARDOEL e DEUZE (2000) *apud* PALACIOS (2003) “consideram que a notícia *online* possui a capacidade de fazer com que o leitor/utente sinta-se mais diretamente parte do processo jornalístico”. Parafraseando PALACIOS (2003), a interação pode acontecer de formas variadas: pela troca de *e-mails* entre leitores e jornalistas, através da disponibilização da opinião dos leitores, através de *chats* com jornalistas, dentre outros. O leitor se sente diretamente ligado ao processo informacional.

Ainda sobre a interatividade no *ciberespaço*, BARDOEL e DEUZE (2000) *apud* MIELNICZUK (2003), consideram que,

A notícia online possui a capacidade de fazer com que o leitor/usuário se sinta parte do processo. Isto pode acontecer de diversas maneiras, entre elas, pela troca de *e-mails* entre leitores e jornalistas; através da disponibilização da opinião dos leitores, como é feito em sites que abrigam fóruns de discussões; através de *chats* com jornalistas. (p.41).

Nos portais de notícias existem seções específicas para informações variadas pautadas e publicadas a partir do internauta, caracterizando a interatividade.

Sobre a Memória ou perenidade<sup>16</sup> no webjornalismo, pode-se afirmar que todo e qualquer material produzido *online* pode ser guardado indefinidamente. PALACIOS (1999) *apud* PALACIOS (2003) argumenta que,

[...] a acumulação de informações é mais viável técnica e economicamente na Web do que em outras mídias. Desta maneira, o volume de informação anteriormente produzida e directamente disponível ao Utente e ao Produtor da notícia é potencialmente muito maior no jornalismo online, o que produz efeitos quanto à produção e recepção da informação jornalística. ([http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4\\_f.htm](http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4_f.htm)).

A mais importante característica da perenidade é o acesso de notícias anteriores, bastando digitar a data na barra de procura.

A Multimedialidade ou convergência é a junção dos vários formatos de mídias. Imagem estática ou em movimento (fotos, *slides* e vídeo), texto e som (rádio, áudio) usados na mesma narrativa jornalística, relatam os fatos com mais clareza. O texto publicado na *internet* tem a possibilidade de ser impresso a qualquer tempo. Há também o serviço de SMS<sup>17</sup> que é a difusão da informação via celular. Segundo o autor “A convergência torna-se possível em função do processo de digitalização da informação e sua posterior circulação e/ou disponibilização em múltiplas plataformas e suportes, numa situação de agregação e complementaridade”.

O filósofo da informação, PIERRE LÈVY (1993), define a Hipertextualidade como uma quantidade infinita de *links* que nos permite acessar um texto a partir de outro, o que é comum aos internautas nos dias de hoje.

---

<sup>16</sup> Também conhecida como arquivamento ou memória.

<sup>17</sup> Short Message Service - Serviço de mensagens curtas via celular.

Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. [...] Navegar em um hipertexto significa, portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (p.33).

O hipertexto tem importância decisiva na composição do texto para webjornalismo. Como os textos devem ser pequenos, podem trazer *links* com outras informações sobre o mesmo assunto.

Quanto à Customização do Conteúdo/Personalização da informação, PALACIOS (2003) observa que,

Também denominada individualização, a personalização ou customização consiste na opção oferecida ao Utente para configurar os produtos jornalísticos de acordo com os seus interesses individuais. Há sites noticiosos que permitem a pré-selecção dos assuntos, bem como a sua hierarquização e escolha de formato de apresentação visual (diagramação). Assim, quando o site é acessado, a página de abertura é carregada na máquina do Utente atendendo a padrões previamente estabelecidos, de sua preferência. ([http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4\\_f.htm](http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4_f.htm)).

Ainda sobre a personalização da informação, ALI PARISER (2011) afirma que “a personalização se baseia numa barganha. Em troca do serviço de filtragem, damos às grandes empresas uma enorme quantidade de dados sobre nossa vida diária”, particularidades que muitas vezes não se divide nem com os amigos.

Parafraseando BRENO BRITO (S/D), numa pesquisa informal entre usuários de um site sobre webjornalismo, 41% dos participantes apontaram a instantaneidade como a principal característica. Em segundo lugar, com 28,11%, vem a interatividade. Enquanto 19% apontaram a importância de as notícias formarem um arquivo para pesquisa futura.

## 2.3 WEBJORNALISMO COMO FERRAMENTA DA DIFUSÃO CULTURAL

Sociologia define cultura como algo que pode ser apreendido cuja manifestação é extremamente variável, tanto no modo de vida quanto no cotidiano das pessoas. ANTHONY GIDDENS (2005), argumenta que,

Quando os sociólogos se referem à cultura, estão preocupados com aqueles aspectos da sociedade humana que são antes apreendidos do que herdados. Esses elementos culturais são compartilhados por membros da sociedade e tornam possível a cooperação e a comunicação. [...] A cultura de uma sociedade compreende tanto aspectos intangíveis – as crenças, as ideias e os valores que formam o conteúdo da cultura – como também aspectos tangíveis – os objetos, os símbolos ou tecnologia que representam esse conteúdo. (p. 38).

Ao definir cultura no *ciberespaço*, SÔNIA PADILHA (1979) chama a atenção para o fato de que o termo remete à fronteira geocultural: cultura de um povo, de uma tribo, de uma cidade. Ou ainda, hábitos, língua, vestuário dentre outros aspectos. A autora destaca que,

[...] no caso da cibercultura não existem fronteiras. Ela está a permear o cotidiano de todos que fazem uso do ciberespaço e das tecnologias digitais em rede. Sua manifestação pode ser observada nos novos hábitos relacionados ao encontro entre atividades cotidianas de relações sociais e de trabalho e as tecnologias computacionais em rede. (p 107).

A *internet* se constitui como amplo espaço para divulgação de conteúdos em tempo real. Uma quantidade incalculável de pessoas dos mais diversos lugares e realidades sócio-econômico-cultural pode acessar instantaneamente a mesma informação. São as ferramentas tecnológicas, em sua constante mobilidade, alterando a relação do homem com o tempo e com o espaço. Assim, GIDDENS (2005) afirma,

A *internet* está transformando os contornos da vida diária – confundindo os limites entre o global e o local, apresentando novos canais de comunicação e de interação e permitindo que um número cada vez maior de tarefas cotidianas seja executado on-line. (p. 382).

Nesse novo cenário comunicacional, de múltiplas possibilidades a informação não é estática, se intensifica para atender à diversidade etnográfica<sup>18</sup>. Sobre essa concepção a compreensão de LÈVY (1993) é que:

A maneira antiga de inscrever os signos era conveniente para o cidadão ou camponês. O computador e as telecomunicações correspondem ao nomadismo das megalópoles e das redes internacionais. Ao contrário da escrita, a informática não reduplica a inscrição sobre o território; ela serve à mobilização permanente dos homens e das coisas que talvez tenha começado com a revolução industrial. (p.115).

As culturas, sociedades e indivíduos absorvem as tecnologias digitais, as moldam e por elas são moldados e modificados. Os recursos tecnológicos facilitam construir e expandir a informação. Tendo na velocidade o novo paradigma, a busca dos veículos e profissionais de comunicação passou a ser pelo domínio do seu principal paradoxo que é produzir a informação concisa, precisa e passiva de decodificação pelos diversos públicos.

Os avanços conquistados pelo jornalismo na *web* a partir da multiplicação instantânea dos signos de forma desterritorializada e atemporal possibilitam a exploração do webjornalismo como importante elemento difusor de toda e qualquer manifestação cultural. LÈVY (2010) faz as seguintes considerações:

A digitalização permite a passagem da cópia à modulação. Não haveria mais dispositivos de “recepção”, mais sim interfaces para a seleção, a recomposição e a interação. Os agenciamentos técnicos passariam a assemelhar-se com os módulos sensoriais humanos que, da mesma forma, também não “recebem”, mas filtram, selecionam, interpretam e recompõem (p.132).

---

<sup>18</sup> A etnografia é um método de estudo utilizado pelos antropólogos com o intuito de descrever os costumes e as tradições de um grupo humano. Este estudo ajuda a conhecer a identidade de uma comunidade humana que se desenvolve num âmbito sociocultural concreto.

Face a essa realidade, ao produtor da *web* notícia agrega-se a condição de multiplicador, devendo contemplar os elementos culturais em cada informação produzida, possibilitando a exposição continuada, tornando-os íntimos àqueles que acessarem tais informações. Para CLIFFORD GEERTZ (1989),

A análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjecturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjecturas e não a descoberta do Continente dos Significado e o mapeamento da sua paisagem incorpórea (p. 30-31).

Cabe ao *webjornalista*, como produtor da notícia, adaptar-se às novas exigências inerentes à tecnologia advinda do *ciberespaço*. Outros atores entraram em cena nessa nova forma de mediar a informação. São os *webdesigners*<sup>19</sup> e os programadores de sistemas, com os quais o jornalista deve negociar o espaço e a disposição do conteúdo (texto, imagem, gráficos e/ou infográfico), para uma maior penetração da informação em seu público alvo. SAUL WURMAN apud PADILHA (1979) destaca que,

Os jornalistas [...], os arquitetos de informação – toda essa gente que formata informação para as massas agora é forçada a repensar a maneira de apresentar seus produtos. E isso acontece porque o apetite das pessoas por informação está muito mais seletivo e refinado. A forma de organizar e apresentar a informação é tão importante quanto o conteúdo. Estão surgindo novos campos (a bioinformática, por exemplo) para explorar maneiras de armazenar e usar informações, ultrapassando a ideia de apenas reuni-las. (p. 110).

A *cibercultura* provocou mudanças no fazer jornalístico reconfigurando as relações entre quem produz e quem consome a notícia, interagindo e articulando. A liberdade do internauta para escolha do conteúdo *online* segundo critérios próprios alterou a forma de sistematização da informação pelo *webjornalista*, que segundo PADILHA (1979, p.114) “está diante de um dilúvio informacional”.

---

<sup>19</sup> É o profissional competente para a elaboração do projeto estético e funcional de um *web site*.

O olhar sociológico na produção imagética e textual da notícia, objetiva incluir a essência dos elementos de cada cultura. O *webjornalismo*, por se utilizar da convergência entre imagem, som, texto e hipertexto, pode atender à demanda que se refere JESÚS MARTIN BARBERO (2008), quando afirma que,

[...] frente a toda tendência culturalista, o valor do popular não reside em sua autenticidade ou em sua beleza, mas sim em sua representatividade sociocultural, em sua capacidade de materializar e de expressar o modo de viver e de pensar das classes subalternas, as formas como sobrevivem e as estratégias através das quais filtram, reorganizam o que vem da cultura hegemônica, e o integram e fundem com o que vem de sua memória histórica (p.113).

Uma abordagem sob essa ótica revela que a cultura não é igual, é sempre uma recriação. Nesse contexto, PADILHA (1979) observa que,

Se o ciberespaço possibilita um trânsito com interação em atos de dar, receber e transformar, podemos relacionar esses movimentos aos fenômenos culturais de reterritorialização, desterritorialização<sup>20</sup>, transculturação<sup>21</sup> e hibridação de culturas, agora potencializadas pelas infovias<sup>22</sup>. (p.114).

Sobre a recriação da cultura, NÉSTOR CANCLINI (2005) define como hibridação a inter-relação entre os elementos de diferentes culturas, que se integram num processo continuado de fusão. Ele afirma que,

Hibridação designa um conjunto de processos de intercâmbios e mesclas de culturas, ou entre formas culturais. Pode incluir a mestiçagem – racial ou étnica –, o sincretismo religioso e outras formas de fusão de culturas, como a fusão musical. Historicamente, sempre ocorreu hibridação, na medida em que há contato entre culturas e uma toma emprestados elementos das outras. [...] Em muitos casos essa relação não é só de enriquecimento, ou

<sup>20</sup> Reterritorialização é descrita por García Canclini *apud* Padilha (1979, p. 114) como “recolocações territoriais, parciais, das velhas e novas produções simbólicas”. E desterritorialização, como “a perda da relação ‘natural’ da cultura com os territórios geográficos e sociais”.

<sup>21</sup> Segundo Padilha (1979), na visão de James Lull (*apud* Rector; Neiva, 1995, p. 90), a transculturação “se refere ao processo onde as formas culturais literalmente se movem em termos de espaço onde interagem com outras formas culturais, influenciam umas as outras, e produzem novas formas”.

<sup>22</sup> Via de comunicação entre computadores, utilizada para a troca de informações.

de apropriação pacífica, mas conflitiva. ([www.edusp.com.br/cadleitura/cadleitura\\_0802\\_8.asp](http://www.edusp.com.br/cadleitura/cadleitura_0802_8.asp)).

O webjornalismo, pelo meio em que se propaga, (a *internet*), e por deslocar para a esfera global a cultura estática (de uma localidade específica), constitui importante instrumento de difusão dos processos de hibridações contemporâneos.

O fluxo do comportamento (ação social) faz com que as formas culturais se articulem. As manifestações culturais se modificam, sofrem hibridações à medida que o homem adquire novos conhecimentos, sem deixar, no entanto de serem manifestações culturais. A forma com que essas manifestações são abordadas pelos veículos de comunicação, permite que perpetuem ou que sejam esquecidas. O webjornalismo por sua riqueza de possibilidades de alcance, através dos elementos textuais, imagéticos e do *hiperlink*, caracteriza-se como importante difusor, capaz de promover a interação entre os povos e suas manifestações.

## 2.4 A CONTRIBUIÇÃO MIDIÁTICA DO WEBJORNALISMO PARA A DIFUSÃO E PERPETUAÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE RAIZ AFRICANA

Há muito tempo a comunidade afrodescendente do Brasil busca através da imprensa, divulgar, opinar, requerer direitos. Nas primeiras décadas após a Proclamação da República, surgiu a chamada “imprensa negra”, informativos que se destinavam ao processo de reestruturação sócio-econômico-cultural do negro. Tendo como principal referência publicações do movimento abolicionista defendido na imprensa do Rio de Janeiro por José do Patrocínio<sup>23</sup>. LÚCIA MARIA BASTOS

---

<sup>23</sup> José do Patrocínio (1853-1905) foi um político, jornalista e escritor brasileiro. Participou ativamente dos movimentos abolicionistas. Publicou manifestos apoiando a República. Fundou a cadeira nº 21 da Academia Brasileira de Letras.

NEVES (2006) [et al.] *apud Cidade do Rio* (1888) relata que “[...] bastaram o atrito da imprensa e o calor da palavra para limar os grilhões de três séculos de cativeiro”.

Ainda sobre a busca pelo reconhecimento de seu valor como elemento social iniciada pelos negros através da imprensa no pós-abolição, FLÁVIO GOMES (2005) relata que,

Os primeiros periódicos editados por negros e tendo a “raça negra” e o preconceito como principais temas datam do final do século XIX. Surgem *O Treze de Maio* (1888), *A Pátria* (1889), *O Exemplo* (1892), *O Propugnador* (1907), *O Patrocínio* (1913) e outros nos anos seguintes com o objetivo de refletir sobre os desdobramentos do pós-emancipação e a situação dos “homens de cor”. (p.28).

Alguns desses periódicos tiveram vida curta, provavelmente por falta de patrocinadores. Eram edições pequenas, vendidas em festas, bailes ou distribuídas gratuitamente. O que havia de comum entre elas era o fato de que todas, segundo o referido autor, “já procuravam em suas páginas denunciar humilhações e intolerâncias sofridas por negros e mulatos”. (p. 28). Traziam também matérias que exaltavam lideranças abolicionistas e estampavam em seus títulos os objetivos de suas publicações. Ele argumenta que,

Os periódicos de tal imprensa constituíram-se em instrumentos de comunicação de inúmeros intelectuais [...]. Priorizando os diálogos com o “meio negro”, procuravam estimular, através dos editoriais e da publicação de determinados artigos, temas que abordassem a autovalorização da população negra, sua visão de mundo e suas formas políticas, culturais e religiosas de organização e participação. (p. 31).

Como pode ser observado, historicamente, a comunicação foi utilizada para promover interesses e ideologias. Segundo HUMBERTO FERNANDES MACHADO, citado por NEVES [et al.] no livro *História e Imprensa*, “a imprensa não se limitava a noticiar; fazia parte da construção do próprio acontecimento”(2006 p.151). No contexto atual, essa participação se daria de forma mais elaborada e intensa.

---

No que se refere aos registros e publicações sobre manifestações culturais afrodescendentes, BASTIDE (1978), afirma que,

Os primeiros estudos sobre as sobrevivências religiosas africanas, datados de 1896, saíram sob a forma de artigo na *Revista brasileira*; eram da pena de um jovem médico baiano, Nina Rodrigues. [...] publicando também em francês *L'animisme fétichiste des nègres bahians* (1900). Depois de sua morte, Homero Pires recolheu os diversos artigos dispersos em numerosas publicações, formando um volume sob o título de *Os africanos no Brasil* (p.7).

Apesar do pioneirismo de Nina Rodrigues e da importância dos seus estudos para o registro da história do negro no Brasil, GILBERTO FREYRE (1992), aponta o que ele considera uma falha do historiador quando relata que,

[...] o ponto de partida de Nina Rodrigues, consideramo-lo falso: o da incapacidade da raça negra de elevar-se às abstrações do cristianismo. Nina Rodrigues foi dos que acreditaram na lenda da inaptidão do negro para todo surto intelectual. (p. 411).

Já BASTIDE (1978), destaca a contribuição de Manuel Querino de 1916 a 1922, em oposição aos escritos de Nina Rodrigues. Segundo o autor Querino, “queria antes de tudo mostrar a importância da contribuição africana à civilização do Brasil e exaltar o valor dessa contribuição” (p. 8). Ainda sobre Querino, complementa:

[...] a tez lhe permitia conhecer o que os negros escondiam de Nina Rodrigues; seu amor pelos irmãos de cor fornecia-lhe, por outro lado, possibilidade de conhecer melhor certos aspectos de um culto em que os brancos procuravam antes de mais nada o que havia de pitoresco, buscando sensações exóticas. (p.8).

A visão de Querino lançou nova luz sobre os estudos das manifestações de raiz africana pela abertura que conseguiu por ser negro e por ter se desrido de preconceitos quanto ao objeto de estudo.

2.4.1 A gênese das manifestações culturais de raízes africanas: de onde vieram e como se adaptaram.

Analisar a gênese das manifestações culturais de raízes africanas, entender de onde vieram e como se adaptaram é primordial para que se reconheça a necessidade de sua preservação e consequentemente a disseminação de seus valores. A partir do estudo do passado comprehende-se o processo de transformação provocado pelo acúmulo de conhecimento que possibilita mudanças substanciais na sociedade e no próprio homem. Ao reconhecer-se como ser social no processo histórico, o homem desenvolve mecanismos de sustentação para as relações interculturais contemporâneas. É preciso então, que saibamos a origem das manifestações afro-brasileiras para que possamos preservá-las.

Os negros eram extraídos da África de forma brutal e ao chegarem ao Brasil eram obrigados a abandonarem sua cultura religiosa adquirindo um referencial que o distanciava da sua tradição. FÁBIO BATISTA LIMA (2005) relata que,

Os grupos étnicos africanos transplantados para o chamado “Novo Mundo” na condição de escravos foram conduzidos a professar a fé cristã. A igreja Católica e o poder civil se empenharam em impor a fé, assim como fizeram com os índios litorâneos do Brasil e do mesmo modo criaram medidas de repressão aos cultos de origem africana. (p.40).

A fusão de costumes e a imposição religiosa representam alguns dos vários aspectos da hibridação cultural provocada pela presença do elemento africano subjugado pela opressão da elite dominante. O referido autor afirma que,

Se o tráfico de escravos foi um fator de desagregação étnica, paradoxalmente, foi também um componente da construção de novas identidades e novas tradições na América. Essas identidades chamadas de nação adquiriram um uso suficientemente amplo para integrar diversas tradições, funcionando como uma rede, ou melhor, construindo uma teia de alianças. (p.41).

O contingente de escravos trazidos para o Brasil foi formado, segundo FREYRE (1992), além de bantos<sup>24</sup>, por sudaneses e maometanos, muitos deles dotados de instrução superior.

[...] importaram-se para o Brasil, da área mais penetrada pelo Islamismo, negros maometanos de cultura superior não só à dos indígenas como à da grande maioria dos colonos brancos – portugueses e filhos de portugueses quase sem instrução nenhuma, analfabetos uns, semianalfabetos na maior parte. [...] nas senzalas da Bahia de 1835 havia talvez maior número de gente sabendo ler e escrever do que no alto das casas grandes. (p.357).

O fato de escravos tratados como mercadoria terem cultura superior aos seus senhores brancos e dominadores, fez com que a senzala e o chicote dilacerassem esse conhecimento, sufocando-os com a força bruta e o cansaço da labuta diária. Não era permitida aos negros qualquer demonstração de altivez. Tratados como coisas, não podiam se organizar ou cultuarem seus deuses, além de serem divididos pela etnia e parentesco. Era no silêncio da noite, longe dos olhares senhoris que negros cantavam, rezavam e assim transmitiam e perpetuaram sua cultura de geração em geração.

Dentre as manifestações de origem africana, talvez a de maior repercussão e disseminação seja a Capoeira que surgiu no Brasil no século XVI, com a vinda dos negros, aqui usados como mão de obra escrava. Por serem mal alimentados e com pouca estrutura muscular, os negros desenvolveram a capoeira, uma luta de destreza e agilidade corporal, que não exigia força física e robustez. Neste contexto, SCISÍNIO (1997) apud UBIRACI GONÇALVES DOS SANTOS<sup>25</sup> (s/d) comenta que:

Membros de nações diferentes, com línguas diferentes, religiões, cultos e experiências diversas os negros foram obrigados para se entenderem a aprender a própria linguagem do branco, adaptar-se aos seus rituais, a

<sup>24</sup> Banto é um tronco linguístico, ou seja, é uma língua que deu origem a diversas outras línguas africanas.

<sup>25</sup> Especialista em Metodologia do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira pela Faculdade São Salvador

compreender seus mecanismos culturais [...] e a capoeira, ao lado do candomblé, pode se afirmar, foi uma manifestação aparente, mais decisiva de todo um processo de resistência desencadeado ao longo do período de escravatura.(<http://pt.scribd.com/doc/16219761/MANIFESTACAO-CULTURAL-AFRO-Capoeira>).

A essa forma de luta, logo foram acrescentados o berimbau, um instrumento musical específico, e a dança. Era uma forma de burlar a vigilância dos senhores de engenho. Quando os escravos fugiam, iam para as matas que tinham uma denominação popular de capoeiras, que em tupi guarani<sup>26</sup> significa “mato ralo”. REGO (1968) *apud* SANTOS (s/d) define a capoeira situando-a no espaço temporal:

O vocábulo capoeira foi registrado pela primeira vez em 1712, por Rafael Bluteau, seguido por Moraes em 1813, na segunda e última edição que deu em vida de sua obra. Após isso, entrou no terreno da polêmica e da investigação etimológica. A primeira preposição que se tem notícia é a de José de Alencar em 1865, na primeira edição de Iracema, repetida em 1878, em O gaúcho, e sacramentada em 1878, na terceira edição de Iracema. ([pt.scribd.com/doc/16219761/MANIFESTACAO-CULTURAL-AFRO-Capoeira](http://pt.scribd.com/doc/16219761/MANIFESTACAO-CULTURAL-AFRO-Capoeira))

Parafraseando REGO (s/d), na etimologia, o vocábulo capoeira origina-se do tupi caá-apuam-êra. Mediante o exposto, a capoeira ou caá-apuam-êra significa mato virgem que já não é, que foi botado abaixo, e em seu lugar nasceu mato fino e raso.

Durante décadas, a capoeira genuinamente africana foi proibida no Brasil. A liberação da prática, com modificações que a adaptavam mais para o esporte do que para a defesa pessoal aconteceu quando uma variação foi apresentada ao então presidente Getúlio Vargas, em 1953, pelo Mestre Bimba<sup>27</sup>. Segundo Mestre Bimba, o presidente gostou muito e a chamou de “único esporte verdadeiramente nacional”.

<sup>26</sup> Tupi Guarani é um dialeto pertencente ao tronco tupi, que congrega várias línguas indígenas da América do Sul e apresenta uma ampla distribuição geográfica pelo continente.

<sup>27</sup> Mestre Bimba (Manuel dos Reis Machado) foi o primeiro a desenvolver um sistema de ensino da capoeira em recinto fechado. Foi o grande "propulsor" da Capoeira no Brasil.

O Candomblé, outra manifestação de cultura africana, é uma religião derivada do animismo africano onde se cultuam os orixás, Voduns, Nkisis<sup>28</sup> dependendo da nação. Sua origem é totêmica e familiar, tornando-se uma religião afro-brasileira praticada principalmente pelo chamado povo de santo, ou mais particularmente por pais e mães de santo. Foi desenvolvida no Brasil pelos sacerdotes africanos que foram capturados de forma brutal em sua terra de origem e trazidos da África para o Brasil, para serem usados como massa de trabalho escravo.

Originalmente confinado à população negra escravizada que vivia e se manifestava nas senzalas, quilombos e terreiros, o candomblé foi proibido pela Igreja Católica e criminalizado por alguns governantes. Mesmo assim, prosperou, expandindo-se consideravelmente após o fim da escravatura em 1888.

No que se refere ao vocábulo candomblé, JOÃO JOSÉ REIS in LUCIANO FIGUEIREDO (2009) argumenta que,

Embora candomblé seja um vocábulo de origem banta, [...] poucas são as evidências de escritas sobre cultos especificamente bantos no século XIX baiano. Mas encontram-se nas fontes do período algumas expressões de origem banta, como *candonga* e *milonga*, para designar feitiçaria, e *calundu*, para definir a prática religiosa africana em geral. Este último termo, que predominou até o final do século XVIII, foi mais tarde substituído por *candomblé*, expressão também banta. (p.42 ).

Antes de PIERRE VERGER<sup>29</sup> só tínhamos relatos orais trazidos da África por escravos mais ilustres e repassadas aos descendentes. Para o referido autor,

<sup>28</sup> Na mitologia yorubá, orixás são divindades ou semideuses criados pelo deus supremo Olorun; Os Voduns são ícones ou "Orixás" da Cultura Jêje; Na mitologia dos povos de língua kimbundu, Nkisis corresponde à Olorun e os Orixás da mitologia Yorubá e do Candomblé Ketu.

<sup>29</sup> Pierre Edouard Leopold Verger foi um fotógrafo e etnólogo autodidata franco-brasileiro. Quando descobriu o candomblé, acreditou ter encontrado a fonte da vitalidade do povo baiano e se tornou um estudioso do culto aos orixás. Assumiu o nome religioso Fatumbi. Era também babalawo (sacerdote Yoruba) que dedicou a maior parte de sua vida ao estudo da diáspora africana.

O Candomblé é para mim muito interessante por ser uma religião de exaltação à personalidade das pessoas. Onde se pode ser verdadeiramente como se é, e não o que a sociedade pretende que o cidadão seja. Para pessoas que tem algo a expressar através do inconsciente, o transe é a possibilidade do inconsciente se mostrar. ([pierreverger.org/fpv/index.php?option=com\\_content&task=view&id=14&Itemid=41&limit=1&limitstart=2&Itemid=155](http://pierreverger.org/fpv/index.php?option=com_content&task=view&id=14&Itemid=41&limit=1&limitstart=2&Itemid=155)).

BASTIDE (1978) nos remete à África para que possamos entender as raízes africanizadas do Candomblé ao afirmar que,

[...] o sagrado não poderá existir na Bahia como nas outras cidades brasileiras senão na medida em que a África for previamente transportada de um lado para o outro do oceano. É a primeira consagração de que devemos nos ocupar: [...] a africanização da pátria de exílio ou de preferência, o *candomblé* como um pedaço da África. (p. 65).

Já para o Historiador SEBASTIÃO RIOS (s/d)<sup>30</sup>,

A escravidão não destruiu automaticamente hábitos, maneiras de pensar e sentir de suas vítimas. A diáspora, entretanto, impediu que os complexos sistemas sociais, políticos e religiosos dos povos da África Centro-Oeste – região Congo, Angola até Moçambique, em que predomina o grande tronco linguístico-cultural banto – fossem integralmente transpostos para cá. Este encontro de culturas diferentes, de contexto de dominação pelos colonizadores portugueses, produziu uma manifestação cultural mestiça. ([alfodias.blogspot.com.br/2010/11/manifestacoes-culturais-de-origem.html](http://alfodias.blogspot.com.br/2010/11/manifestacoes-culturais-de-origem.html)).

Parafraseando o referido autor, os elementos das manifestações religiosas na visão do povo banto, foram adaptados ao cristianismo através da devoção aos santos católicos e efetivados por um ritual acentuadamente africano, tanto na concepção quanto na forma organizacional e na estrutura simbólica da visão do mundo. Com essa prática, aos poucos, foi se formando uma nova identidade cultural.

A junção, fugindo aos padrões aceitáveis da época, de diversos povos de origem africana com indígenas e brancos, paulatinamente foi remodelando o povo

<sup>30</sup> Sebastião Rios Corrêa Júnior nasceu em Brasília, em 1963. Graduou-se em História na Universidade de Brasília, fez pós-graduação em Literatura e Doutorado em Sociologia.

brasileiro e criando novos elementos culturais. A culinária foi diretamente influenciada pela presença da negra africana na cozinha da casa grande, a música passou a utilizar-se de instrumentos de origem afro, que ainda hoje compõem a base de ritmos como o samba e o afoxé<sup>31</sup>. A figura do mulato, filho de branco com negro, pode representar um dos mais significativos exemplos dessa remodelação.

ROBERTO DAMATTA (1984), afirma que,

[...] é precisamente isso, conforme sabe (mas não expressa) todo racista, que implica a ideia de miscigenação, já que ela importa contato (e contato íntimo, posto que sexual) entre pessoas que, na teoria racista, são vistas e classificadas como pertencentes a espécies diferentes. Daí a palavra “mulato”, que vem de *mulo*, o animal ambíguo<sup>32</sup> e híbrido<sup>33</sup> por excelência; aquele que é incapaz de reproduzir-se enquanto tal, pois é o resultado de um cruzamento entre tipos genéticos altamente diferenciados (p.39).

A presença do mulato não provocaria alterações funcionais na condição social dos elementos da sociedade escravagista. Já no contexto intelectual europeu da época, Gobineau<sup>34</sup> e outros teóricos condenavam o cruzamento entre as duas “raças”. GOBINEAU, *apud* DAMATTA (1984) afirma que ele escrevia revoltado a seus amigos franceses, o quanto a nossa sociedade permitia a mistura insana de raças chegando a afirmar que essa miscigenação e esse acasalamento é que o certificavam do nosso fim como povo e como processo biológico.

Mesmo sob a forte pressão do trabalho escravista as manifestações de raízes africanas se adaptaram, se reinventaram e sobreviveram. Um dos fortes elementos de preservação desses valores culturais foi a devoção e seus rituais.

<sup>31</sup> Afoxé trata-se de mais um ritmo afro, de origem iorubá, presente na cultura local.

<sup>32</sup> Cujo sentido é incerto, equivocado, duvidoso.

<sup>33</sup> Diz-se de animal ou vegetal que resulta de cruzamento. Mistura de duas espécies diferentes.

<sup>34</sup> Joseph Arthur de Gobineau ( 1816 — 1882), diplomata, escritor e filósofo francês. Foi um dos mais importantes teóricos do racismo no século XIX.

Observa-se a forte presença de traços da cultura africana, nos seus vários aspectos, em vários estados brasileiros. A religião, a música, a culinária, as festividades e o folclore trazem características nítidas da cultura afro-brasileira. Segundo LIMA e SOUZA *in FIGUEIREDO* (2009, p.12), “o tráfico angolano abastecia principalmente o porto do Rio de Janeiro, e, em segunda escala, Bahia e Pernambuco”, que sofreram maior influência, tanto pela quantidade de escravos recebidos durante o período escravagista como pela migração interna dos escravos após o fim do ciclo da cana-de-açúcar na região Nordeste.

A Bahia e o Maranhão se destacam pelo maior contingente de população negra, e os que mais reproduzem e divulgam elementos da cultura afro-brasileira. Fora do Nordeste, o estado que mais se destaca nesse aspecto é o Rio de Janeiro. Embora desvalorizadas no Brasil colônia e no século XIX, aspectos da cultura brasileira de origem africana passaram por um processo de revalorização e revitalização a partir do século XX que continua até os tempos atuais.

#### 2.4.2 As manifestações de raízes africanas no extremo Sul da Bahia

A ocupação do território brasileiro nos primeiros séculos foi marcada pela presença de núcleos de povoamento dispersos, principalmente, nas áreas litorâneas pela facilidade de locomoção que proporcionavam. No extremo Sul da Bahia, sub-região situada na Zona da Mata nordestina, desenvolveu-se a lavoura do café, da cana-de-açúcar e do cacau, alimentadas pela mão de obra de escravos trazidos diretamente da África ou de processos migratórios internos dos grandes fazendeiros escravagistas.

De acordo com JEAN ALBUQUERQUE (2006), o café chegou à Bahia em 1786 e Nova Viçosa foi o primeiro município do estado a “plantar o precioso grão”. (p. 16).

Conforme VALDIR NUNES DOS SANTOS (2007), negros vindos da África desciam no Porto de Caravelas e eram transportados em canoas, através do Rio Peruípe, até Juerana onde eram distribuídos junto a outras mercadorias pelas fazendas de café da região. O Rio Peruípe funcionava como estrada fluvial para os primeiros habitantes. Com a sobrecarga de mercadorias diversas era comum essas canoas virarem. Na eminência de que isso pudesse acontecer, a ordem era livrar-se das mercadorias de menor valor. Escravos eram lançados nas águas caudalosas do rio, acorrentados uns aos outros e morriam ali mesmo.

Segundo BASTIDE (1978 p.7), “considerado instrumento indispensável para a economia de uma grande propriedade agrícola, o negro africano, enquanto escravo, só interessou ao brasileiro branco como mão de obra”. Outros valores foram ignorados.

Aos poucos, formaram-se pequenos agrupamentos ou vilarejos desarticulados entre si, mas tendo como ponto de união a cidade de Salvador, primeira capital da colônia. Observa-se que no extremo Sul da Bahia, Alcobaça, Mucuri e Prado tiveram um processo de miscigenação bastante acentuado. Caravelas e Juerana vivenciaram esse processo em menor intensidade. Já Helvécia, em contrapartida, não passou por esse processo de mestiçamento. Parafraseando BASTIDE (1978 p.10), não passou pelo processo de transformação, de interpretação e da metamorfose resultantes do contato entre as civilizações. Um conjunto de fatores diversos contribuiu para isso.

Do ponto de vista sócio-histórico, Helvécia teve sua origem na Colônia Leopoldina, de colonização suíço-alemã fundada em 1818, sustentada pela mão de obra escrava para o cultivo do café. De acordo com os estudos de ALBUQUERQUE (2006 p.34), no final do século XIX, viviam na comunidade de Viçosa 2.272 pretos, dois quais 1458 eram escravos e em Caravelas existiam 1835 pretos, desses, 205 eram escravos. Após a abolição, em 1888, a comunidade de ex-escravos da Colônia Leopoldina se fixou na região numa situação de relativo isolamento, e não se dispersando tanto quanto outros agrupamentos de negros libertos. Fator que contribuiu para a manutenção dos traços étnicos e das manifestações culturais de sua origem.

Ainda sobre a Colônia Leopoldina, o referido autor afirma que,

O nome foi dado em homenagem à Princesa Leopoldina [...]. Não se tratava propriamente de uma colônia agrícola, pois o trabalho não era feito pelos estrangeiros, e sim por escravos negros, mas marcou o começo da presença de europeus na agricultura da região. (p. 20).

O autor relata que todas as fazendas da região usavam o trabalho escravo e que com a Abolição da Escravatura o cultivo do café entrou em declínio deixando a região isolada, cabendo aos ex-escravos desenvolverem apenas agricultura de subsistência.

Observa-se a manutenção de manifestações da cultura afrodescendente em muitos dos vinte e um municípios que compõem o extremo Sul da Bahia. Em Alcobaça (Candomblé e Congada); Caravelas (Candomblé, Congada, Marujada, Capoeira e Bate-Barriga); Ibirapuã (Candomblé, Bate-Barriga e Samba de Roda); e Nova Viçosa (Candomblé, Capoeira, Bate-Barriga e Samba de Roda). Em Belmonte tem-se desenvolvido um intenso trabalho de revitalização das manifestações

culturais de origem africana. Parte dessas manifestações está fortemente marcada pelo sincretismo religioso.

Nesse contexto, JÂNIO ROQUE BARROS DE CASTRO<sup>35</sup> (2009), afirma que,

As festas populares se constituem em uma importante manifestação cultural que pode ter sua origem em um evento sagrado, social, econômico ou mesmo político do passado e que constantemente passam por processos de recriações e atualizações; como destaca Paul Claval (1999), a cultura, como herança transmitida, pode ter sua origem em um passado longínquo, porém não se constitui em um sistema fechado, imutável de técnicas e comportamentos. [...] Para que ocorram as mudanças, transformações e reinvenções das práticas culturais, os contatos são fundamentais, como lembra Claval (1999), e, nesse aspecto, notou-se uma intensificação das formas de informação e comunicação nas últimas décadas. ([www.cult.ufba.br/enecult2009/19383.pdf](http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19383.pdf)).

Pelo que pode ser observado, a maioria das manifestações culturais do extremo sul baiano é de cunho religioso ou tiveram suas raízes em práticas do catolicismo (festejos de São Bernardo, São Pedro, Mouros e Cristãos), ou da cultura africana (Candomblé, Bate-barriga, Capoeira). Algumas dessas manifestações decorrem da necessidade que os escravos tinham de camuflar suas crenças, em face à resistência contra a fé católica que lhes era imposta.

---

<sup>35</sup> Mestre em Geografia e Doutor em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal da Bahia. Professor da Universidade do Estado da Bahia e do Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional na referida instituição.

### **3 METODOLOGIA DA PESQUISA**

Neste capítulo, procuramos explicitar a base metodológica que deu suporte à pesquisa. O estudo se insere no campo das pesquisas qualitativa e interpretativa, por ser uma abordagem que contempla a interpretação da realidade social.

#### **3.1 A ESCOLHA DO OBJETO DA PESQUISA**

A temática da presente pesquisa monográfica é inédita e importante para a sociedade por seu cunho histórico, cultural e social e por estar intimamente ligado às raízes étnicas das comunidades estudadas de forma específica, permeando o universo do extremo sul baiano, em especial os municípios de Caravelas e Nova Viçosa. Por ter sido o Brasil colonizado por povos europeus, que aqui implantaram o sistema escravagista e por mais de trezentos anos traficaram negros do continente africano, surgiram inicialmente os quilombos que deram origem às comunidades quilombolas. Outras comunidades tiveram origem em antigas fazendas de regime escravocrata. Essas aglomerações perpetuando ao longo da história seus festejos e manifestações culturais.

De acordo com LIMA *in FIGUEIREDO* (2009),

O Brasil é o país que por mais tempo e em maior quantidade recebeu pessoas escravizadas vindas da África. Aproximadamente 40% de todos os escravos africanos que deram entrada em portos do Novo Mundo foram trazidos para o nosso país. [...] Segundo o historiador Philip Curtin, o Brasil recebeu 1.685.200 escravos no século XVIII, dos quais 550.600 vindos da Costa da Mina e 1.134.600 de Angola. (p.12).

Por outro lado, a escolha do tema está vinculada à necessidade de explorar no processo da formação profissional, da área de comunicação, a influência do webjornalismo no fortalecimento e disseminação das manifestações culturais de matriz africana, considerando a estética e a crença. Nesse sentido o objeto dessa pesquisa monográfica apresenta aderência em relação aos seus autores, na medida em que a formação em jornalismo no contexto das demandas do extremo Sul da Bahia precisa dialogar com as influências no campo das manifestações de natureza afro. No âmbito desta problematização torna-se necessário pesquisar de que forma são difundidas essas manifestações, em especial, pelo webjornalismo, sensibilizando assim, os profissionais e empresários da intermídia quanto à difusão e fortalecimento de aspectos culturais tão específicos, visto que as tradições culturais são parte integrante da história de um povo. PENNA (2008) destaca que “o grande desafio do jornalismo digital é encontrar sua linguagem e democratizar sua interfaces” (p.183). Isso é relevante para o exercício da profissão, uma vez que estamos inseridos numa região onde a realidade local deve ser fortalecida.

### 3.2 O CAMPO DA PESQUISA

Optou-se por pesquisar a cidade de Caravelas e o distrito de Helvécia, em Nova Viçosa, localizados no extremo Sul da Bahia, ambas com forte presença de afrodescendentes, o que no processo histórico teria influenciado na composição cultural.

Caravelas, fundada em 1.503, tornou-se um importante centro comercial nos séculos XVII e XVIII<sup>36</sup>. Com extensão territorial de 2.393 km<sup>2</sup> e população absoluta de 21.414 hab., segundo dados do IBGE/2010, a cidade fica a 870 km de Salvador, capital da Bahia, e seu acesso se dá pela BA 001 e pela BR 418. É conhecida por suas festas religiosas, que atraem milhares de devotos. Por ser um porto localizado na foz do Rio Caravelas com o Oceano Atlântico, foi estratégica como porta de entrada de mercadorias, inclusive escravos, vindos da África, no período escravagista. Esses escravos negros eram usados nas fazendas de plantação de café. Segundo ALBUQUERQUE (2006, p.16), o café chega à Vila de Viçosa, pertencente a Caravelas na Bahia em 1786.

Já a escolha pelo contexto de Nova Viçosa, dá-se pelo fato de que nela se encontra o distrito de Helvécia, a antiga Colônia Leopoldina que passou de uma colonização europeia espontânea para o regime escravista. Segundo ALANE FRAGA CARMO (2010),

[...] a falta de braços estrangeiros para cultivar a terra, e a falta de uma administração após a morte de um de seus fundadores, em 1825, fizeram com que os colonos empregassem escravos, repartissem a terra em lotes particulares e investissem seus recursos na produção de café para exportação. ([http://www.ffch.ufba.br/IMG/pdf/2010alane\\_fraga\\_do\\_carmo.pdf](http://www.ffch.ufba.br/IMG/pdf/2010alane_fraga_do_carmo.pdf)).

Nova Viçosa nasceu em 1720, de uma aldeia indígena na foz do rio Peruípe. O primeiro povoado recebeu o nome de Campinho do Peruípe. Em 1769 foi feita a demarcação do município. ALBUQUERQUE (2006, p.14) relata que recebeu o nome “de Vila Viçosa, em homenagem à notável e histórica vila do Distrito de Évora, no Alto Alentejo, Portugal”. O Município, que faz parte da Costa das Baleias, fica a 944

---

<sup>36</sup> Informações do site [WWW.caravelas.net.br](http://WWW.caravelas.net.br).

km de Salvador, sendo as rodovias BR 101 e BA 698 as principais vias de acesso.

Segundo o senso 2010/IBGE, Nova Viçosa tem 38.566 habitantes.

Em 1818 surge a Colônia Leopoldina, hoje o distrito de Helvécia, comunidade que preserva traços étnico-culturais de raiz africana de forma bem acentuada. Com aproximadamente 4.000 habitantes, dos quais cerca de 80% são negros com uma rica herança cultural. As festas de São Sebastião, no mês de janeiro e a de Nossa Senhora da Piedade em setembro, são os dois maiores festejos da comunidade. A renda da população vem da lavoura, do serviço público do municipal e do emprego na silvicultura<sup>37</sup>.

### 3.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Nessa pesquisa considerou-se a necessidade de levantar elementos contextualizantes que correlacionem o tema, o sujeito e o espaço. Optou-se pela elasticidade da faixa etária dos entrevistados, contemplando sujeitos com idade entre 17 e 80 anos, para percepção dos aspectos da continuidade das manifestações culturais de raízes africanas no extremo sul baiano.

De acordo com os estudos de MARINA DE ANDRADE MARCONI e EVA MARIA LAKATOS (2007),

A delimitação do universo consiste em explicitar que pessoas ou coisas, fenômenos, etc. serão pesquisados, enumerando suas características comuns, como, por exemplo, sexo, faixa etária, organização a que pertencem, comunidade onde vivem, etc. (p. 225).

---

<sup>37</sup> Informações do site <http://cbprojetossociais.blogspot.com.br>.

Assim sendo, o universo pesquisado foi diversificado quanto ao gênero e a faixa etária dos pesquisados, para que abrangesse um contingente amostral expressivo das comunidades escolhidas como foco do estudo.

Já quanto ao número de pessoas entrevistadas, GEORGE GASKELL (2011, p. 71) afirma que “há um limite máximo ao número de entrevistas que é necessário fazer, e possível de analisar. Para cada pesquisador, este limite é algo entre 15 e 25 entrevistas individuais”.

Considerando os estudos do referido autor, foram entrevistados 03 (três) profissionais do webjornalismo regional e 14 (quatorze) moradores da sede do município de Caravelas e do distrito de Helvécia, em Nova Viçosa, sendo eles representantes de entidades relacionadas à cultura afro-brasileira e pessoas que não fazem parte dessas organizações.

### 3.4 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A metodologia utilizada no referido trabalho monográfico teve como base a pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, com coleta de dados através de entrevista semiestruturada. Levou-se em consideração o envolvimento desses elementos nessas manifestações culturais e a intensidade da hibridação decorrente do processo de miscigenação cultural, frente ao olhar midiático e informacional do webjornalismo regional.

A abordagem metodológica utilizada foi qualitativa. O fenômeno pesquisado insere-se no contexto amplo e diversificado que foi interpretado/traduzido, a partir de

uma coleta de dados que conferiu legitimidade e precisão. Sobre a importância da pesquisa qualitativa, MARIA CECILIA DE SOUZA MINAYO (2003) relata que,

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (p.21-22).

A pesquisa qualitativa desse estudo colheu dados com as entrevistas realizadas retratando a perspectiva dos participantes em relação ao objeto de estudo.

Sobre os instrumentos utilizados para coleta de dados optou-se por entrevista semiestruturada usando como recurso um gravador de voz, máquina fotográfica, questionário, análise documental e análise de fontes iconográficas.

Segundo MARCONI e LAKATOS (2007),

A entrevista é importante instrumento de trabalho nos vários campos das ciências sociais ou de outros setores de atividade, como da Sociologia, da Antropologia, da Psicologia Social, da Política, do Serviço Social, do Jornalismo, das Relações Públicas, da Pesquisa de Mercado e outras. (p. 198).

As autoras ressaltam ainda, que na entrevista se cria uma relação de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre o entrevistado e o entrevistador. Nesta pesquisa optou-se pela entrevista aberta por melhor se adequar à pesquisa qualitativa.

Optou-se pela entrevista qualitativa por ser mais abrangente e por fornecer informações contextualizadas capazes de explicar as particularidades do objeto de estudo. Sobre a entrevista qualitativa, GASKELL (2011) afirma que,

A compreensão dos mundos da vida dos entrevistados e de grupos sociais especificados é a condição *sine qua non* da entrevista qualitativa. Tal

compreensão poderá contribuir para um número de diferentes empenhos na pesquisa. [...] A fim de construir questões adequadas, é necessário avaliar tanto os interesses quanto a linguagem do grupo em foco. (p. 65).

Na escolha do formato de questionário que dialogasse com a necessidade de detalhamento do objeto trabalhou-se à luz do pensamento de MARCONI e LAKATOS (2007, p.212). Utilizou-se, então, perguntas diretas ou pessoais incluindo a pessoa do informado.

Conforme MINAYO (1996, p. 122), o entrevistador não faz formulações pré-fixadas, e sim a entrevista deve ser considerada como um roteiro facilitando a comunicação entre ambos. Optou-se por realizar entrevistas semi estruturadas, com questionário aberto, pela necessidade de se produzir resultados que permitam uma compreensão das especificidades culturais e comportamentais das manifestações de raízes africanas e a sua repercussão no webjornalismo.

Como o webjornalismo está intrínseco no cerne deste trabalho monográfico, a entrevista figura como instrumento de uso continuado na construção informacional.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO: O WEBJORNALISMO E AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE ORIGEM AFRICANA NO EXTREMO SUL DA BAHIA**

### **4.1 PERCEPÇÃO DO CONTEXTO PESQUISADO: O QUE DIZEM OS ENTREVISTADOS.**

De posse do domínio conceitual explorado na pesquisa bibliográfica acerca do webjornalismo e as manifestações culturais de origem africana no extremo Sul da Bahia, foi possível conhecer as entranhas do universo cultural do contexto escolhido. Tomados de segurança no que se refere ao conhecimento científico, pouco a pouco o objeto investigado foi se desnudando e apresentou aos pesquisadores aspectos de uma cultura sobre a qual se debruçaram grandes estudiosos.

Para melhor externalizar o sentimento vivenciado em campo, expõe-se, a seguir, os dados desta pesquisa monográfica. As informações aqui dispostas são resultantes das falas, dos sentimentos e da identidade cultural de um povo que luta para preservar seus valores histórico-culturais.

Aqui é apresentada a percepção do universo pesquisado, composto das falas de representantes de sites regionais, de cidadãos comuns e pessoas ligadas a grupos e entidades culturais da cidade de Caravelas e do distrito de Helvécia, em Nova Viçosa.

Os dados coletados foram classificados em dois eixos representativos, a saber:

- *Webjornalismo*
- Manifestações culturais de raízes africanas no extremo Sul da Bahia

#### 4.1.1 Análise e discussão do eixo webjornalismo

Inicialmente foi utilizado o eixo do webjornalismo para melhor interpretar os posicionamentos a seguir. Nos questionamentos acerca do *webjornalismo*, foram contemplados com relatos orais, conforme descrição nos tópicos que seguem:

Quando questionados aos profissionais do webjornalismo se os veículos de comunicação em que trabalham se interessam por coberturas jornalísticas referentes a manifestações culturais de origem africana, na região, obteve-se os seguintes relatos:

O teixeiranews a exemplo, ele vai fazer seis anos de idade em fevereiro, lhe confesso que nos primeiros quatro anos o veículo ficou assim, uma espécie apagada pra questão das manifestações culturais, especialmente quando fala do gênero afrodescendente e as manifestações culturais em um todo. De dois anos pra cá, muito mudou na realidade do jornalismo do teixeiranews. Eu como repórter especialmente posso dizer que mudei 100% e essa minha mudança influenciou também os meus colegas na linha editorial do teixeiranews. [...] Nosso intuito é fortalecer essa política de reconhecimento da cultura que é linda pra se mostrar. Jornalisticamente bem produzida, essas manifestações, o resultado é extraordinário. (jornalista 01<sup>38</sup>).

Não. Aqui no município de Teixeira onde temos a sede normalmente não há esse tipo de evento. Esse tipo de evento é feito nos municípios circunvizinhos principalmente Caravelas, Alcobaça, Prado e a gente não fica sabendo da realização desses eventos, não é comunicado com antecedência, aí a gente não tem como fazer esse tipo de cobertura. Se houvesse uma interrelação maior entre os promotores desses eventos com o jornal a gente poderia dar prioridade, mas não há. (jornalista 02<sup>39</sup>).

---

<sup>38</sup> Sócio proprietário e jornalista do site [WWW.teixeiranews.com.br](http://WWW.teixeiranews.com.br).

<sup>39</sup> Proprietário e jornalista do site [WWW.sulbahianews.com.br](http://WWW.sulbahianews.com.br).

Sim. O caravelasnews a preocupação sempre foi mostrar o que a comunidade gosta. [...] Caravelas, por ser a segunda cidade mais antiga do Brasil, o foco de cultura é muito grande. Então é difícil você fazer alguma coisa em Caravelas que não vai ter presente alguma coisa da raiz. [...] E eu sempre acompanhei os trabalhos, justamente na tentativa de informar, de mostrar, e principalmente não deixar morrer. [...] Mas eu sempre gostei de cobrir, sim, sempre gostei de participar. [...] A intenção é exatamente mostrar o que acontece em caravelas. (jornalista 03<sup>40</sup>).

Observadas as considerações acerca do interesse dos sites por pautas relacionadas às manifestações culturais de matriz africana, surgem justificativas e argumentos para maior ou menor frequência dessas publicações nos *web* jornais.

Pelo posicionamento dos entrevistados é perceptível a divergência de pontos de vista acerca do assunto exposto, levando-se a crer que tal postura está associada ao baixo valor notícia, atribuído a esses eventos por parte dos jornalistas entrevistados. É possível interpretar tal situação a luz dos estudos de PADILHA (1979, p.108), quando afirma que “os profissionais passaram a ter que lidar com práticas nunca antes imaginadas e a agregar novos valores e conhecimento ao já construído na pedagogia do ofício”. Esse ponto de vista encontra sustentação no que afirma SAUL WURMAN apud PADILHA (1979) na página 29 desse trabalho, ao afirmar que os profissionais de informação para as massas são forçados a repensar a forma de apresentar seus produtos.

Indagados se o veículo de comunicação que representam ou seus repórteres tem liberdade irrestrita para tratar de pautas relacionadas às manifestações culturais de raízes africanas, responderam que:

Tenho liberdade sim. [...] É muito bom trabalhar no teixeiranews porque o jornalismo é feito por profissionais da área e o seu conselho administrativo é formado por homens que vieram da comunicação. O repórter tem total liberdade para investigar, escrever, ouvir as pessoas e expor a sua opinião. (jornalista 01).

---

<sup>40</sup> Proprietário e jornalista do site [WWW.caravelasnews.com.br](http://WWW.caravelasnews.com.br).

Tem, mas não fazem. (jornalista 02).

Apesar de reconhecerem a importância do tema e da declarada liberdade de seus repórteres o pautarem, a baixa produção no Teixeiranews e a inexistência dessas publicações no Sulbahianews, externa que os temas relacionados à cultura afro brasileira no âmbito regional têm baixa graduação nos critérios de noticiabilidade dos veículos em questão. No período, o site Caravelasnews estava indisponível. No que refere à importância da cultura, GEERTZ (1979), afirma que

[...] a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade (p.24).

Entende-se, dentro do que propõe o autor, que no *webjornalismo*, essas manifestações culturais, ainda que não detentoras de grande potencial de acessos, poderiam compor as pautas com maior frequência devido ao seu valor sociocultural.

Nesse contexto, CASTRO (2009), na página 43 dessa monografia, observa que os festejos populares são uma importante forma de manifestação cultural, independente de que a sua origem seja o sagrado, o social ou econômico, que são recriados ou atualizados.

Quanto ao tipo de abordagem feito pelas editorias na cobertura dessas manifestações, apurou-se que:

Na edição do teixeiranews ainda não discute claramente essas pautas. Eu é que tenho tido a iniciativa. Volto a frisar que depois que eu comecei a conhecer um pouco mais da origem cultural, da importância da cultura, eu comecei a entender que quem não valoriza o seu passado não garante seu futuro. [...] A editoria do teixeiranews, posso confessar, deveria ter uma prioridade maior ainda. (jornalista 01).

Na verdade é como eu falei, não é tanto informativa. É mais pra mostrar o que acontece. [...] Contextualizar historicamente eu não faço porque a gente sabe que o brasileiro não tem costume de ler textos longos, né. O brasileiro

ele gosta de ler um texto pequenininho e ver imagem, imagem e vídeo. E em web jornalismo vocês sabem que o que mais fala é foto e vídeo. (jornalista 03).

De acordo com STRAUBHAAR apud PADILHA (1979, p.108), “uma das mais importantes funções da cultura humana é permitir que compartilhemos ideias, valores, técnicas e conhecimento de uma geração para outra”. Segundo os entrevistados, as notícias relacionadas às manifestações de matriz africana não apresentam os elementos históricos em sua totalidade, não sendo contextualizadas historicamente. Por outro lado, para se apropriar com legitimidade da temática abordada é importante que o profissional do jornalismo penetre nessa cultura estabelecendo um olhar etnográfico sobre o objeto. Na esteira dessa discussão, BASTIDE (1978, p.8), afirma que: “Para fazer trabalho etnográfico, não basta descrever os ritos ou citar os nomes das divindades; é preciso também compreender o significado dos mitos ou dos ritos”. Para tal compreensão, faz-se necessário a apresentação dos conceitos e contextos referentes às manifestações noticiadas.

Quando entrevistados sobre a existência de preconceito em relação à publicação e ao acesso pelo internauta às matérias relacionadas às manifestações de matriz africana, destacaram que:

Talvez não exista preconceito por parte da imprensa, existe talvez a falta de conhecimento. A falta de profundidade e oportunidade de conhecer essa cultura. Itamaraju tem uma festa tradicional que dura 51 anos, que é a Festa de São Cosme e Damião, que a Igreja Católica idealiza. No mesmo período, comunidades de bairros realizam a mesma festa, com o cunho afro. Pode haver um preconceito da sociedade por falta de conhecimento. (jornalista 01).

Do veículo não há preconceito. Não há uma prioridade em fazer até porque essas manifestações são esporádicas, acontecem poucas vezes durante o ano e também uma questão de cultura dos próprios meios de comunicação em não cobrir esse tipo de evento. Sem hipocrisia, a imprensa cobre muito aquilo que vende. [...] há um pouco de comodismo dos próprios meios de comunicação em não cobrir esse tipo de evento porque eu acho “que é um produto que não vende bem”. (jornalista 02).

Ao analisar-se as ponderações dos repórteres e proprietários dos *web* jornais da região, observou-se um entendimento de que não existe preconceito por parte dos veículos, mas, que pode existir da parte da sociedade. Para eles, a cobertura de tais eventos não ocorre, por questões mercadológicas. Embora conheçam o sincretismo religioso presente nos festejos das comunidades, não o destaca como tal. FERRETTI apud SOUSA (2003, p.29) relata que, “apesar de abordado e de ser muito encontrado na realidade, nota-se que existe certo tabu contra este fenômeno”. O tabu ao qual se refere o autor, aliado à classificação como informação de pouco acesso seriam motivos do baixo índice de publicações.

#### 4.1.2 – Análise e discussão do eixo das manifestações culturais de raiz africana

Os questionamentos acerca das manifestações culturais de raízes africanas no extremo Sul da Bahia, também foram contemplados com relatos orais, conforme descrição nos tópicos que seguem.

Contemplou-se na pesquisa de campo em Caravelas e Helvécia, além de outros aspectos, a relação dos moradores com a cultura local. GEERTZ (1979, p.36), afirma que “no estudo da cultura, os significantes não são sintomas ou conjuntos de sintomas, mas atos simbólicos ou conjuntos de atos simbólicos e o objetivo não é a terapia, mas a análise do discurso social”.

Ao serem questionados sobre as manifestações culturais de raízes africanas em Caravelas, os representantes de entidades e pessoas sem vínculos com movimentos culturais, arguiram:

Olha, eu acho que já teve uma época melhor. Que a gente tinha uma cultura realmente bem presente. Agora com o passar do tempo foi perdendo um pouco. Existem ainda alguns blocos, algumas festas religiosas que são ligadas aos africanos, mas precisa ainda de muita coisa. Precisa de um projeto, alguma coisa para trazer, resgatar de novo essa... né? A gente tinha uma festa aqui dos Mouros e Cristãos, de São Benedito, muito bonita,

muito grande, que hoje já tá quase que terminando. Muito pouca gente participa. Já teve, né. Hoje já não tem mais. (entrevistado 01<sup>41</sup>).

Eu não tenho mais nem como falar das culturas africanas do lugar porque acabou, está acabando. Porque a juventude hoje não quer saber de religião, não quer saber de cultura, não quer saber de nada. [...] As Nagô é um bloco, representando os escravos porque aqui foi terra de escravo, ainda tem ali, onde hoje em dia a gente chama de farinheira, que é onde tinha a senzala. Primeiro aqui foram os índios, [...] depois que passou a vir os escravos. [...] E a tradicional Marujada de Cosme e Damião que é do Candomblé. (entrevistado 02<sup>42</sup>).

A identidade de Caravelas tem uma referência muito grande no que a gente chamamos aqui de afro indígena. É muito forte a questão negra, e a questão indígena que se misturam, e elas estão mais presentes, praticamente nas manifestações que tem cunhos religiosos, tipo São Sebastião, as Marujadas, as festas de Iemanjá, as festas de Cosme e Damião; aqui tem o grupo As Nagôs, tem o grupo Umbamdaum, que é um grupo de dança que faz parte do movimento cultural Art Manha. Então eu acho que essa é a identidade dessas pessoas. (entrevistado 03<sup>43</sup>).

Constata-se a partir das declarações dos entrevistados a ausência de alinhamento na percepção dos elementos culturais locais. Tal realidade seria uma amostragem do que sugere STUART HALL (2006, p.13), sobre identidade cultural ao afirmar “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. Por Caravelas ter indígenas como primeiros habitantes e posteriormente receber europeus e escravos africanos, apresentaria então, o resultado da fusão dos hábitos e costumes desses três elementos distintos nas suas manifestações culturais.

Os representantes de entidades e pessoas sem vínculos com movimentos culturais de Helvécia assim relataram sobre as manifestações culturais de matriz africana:

Aqui é muito bom porque preserva as nações e as raízes culturais. As manifestações que tem aqui são o Bate Barriga, a Capoeira, também tem peça de teatro, o candomblé que poucas pessoas conhecem. Essas manifestações ocorriam com mais frequência, hoje os jovens já não se interessam em continuar e aos poucos vai acabando mesmo que o povo

---

<sup>41</sup> Funcionário público estadual aposentado – Caravelas.

<sup>42</sup> Babalorixá de Umbanda, Ponta de Areia - Caravelas.

<sup>43</sup> Artista popular – Caravelas.

não percebe, vai acabando pois poucas pessoas continuam com isso ainda.(entrevistado 04<sup>44</sup>).

[...] Nossa região aqui de Helvécia é muito rico em cultura, mas tem que ter um incentivo. (entrevistado 05<sup>45</sup>).

Por aqui tem o Candomblé que veio também dos africanos, tem também a brincadeira, o combate de Mouros e Cristãos igual mesmo o revanche dos escravos com os brancos porque o branco não quer respeitar o direito dos escravos, né. [...] Tenho orgulho do que eu sou, tenho orgulho do que eu faço e depende de Jesus me dar saúde porque tem mais coisa pra ser feita. (entrevistado 06<sup>46</sup>).

Em Helvécia há por parte dos entrevistados uma concepção de identidade cultural mais coesa. Diferente de Caravelas, Helvécia não teve a figura do indígena em sua formação. Apesar da presença do colonizador europeu, há predominância de negros na sua população atual e observa-se uma maior intimidade com os elementos culturais afro-brasileiros. GIDDENS (1990, p. 37-38) apud HALL (2006), relata que,

Nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes. (p.14-15).

O que se revelou através da análise dos discursos dos moradores de Helvécia é que apesar do sincretismo religioso e da hibridação cultural, nas manifestações locais, sobressaem os aspectos da cultura africana, comprovando a afirmativa de RIOS (s/d), na página 38 desse trabalho ao relatar que o processo escravista “não destruiu automaticamente hábitos, maneiras de pensar e sentir de suas vítimas”.

---

<sup>44</sup> Estudante - Helvécia

<sup>45</sup> Professor de Educação Física e de Capoeira – Helvécia

<sup>46</sup> Zeladora no posto de saúde – coordenadora do Grudo de Dança Bate - Barriga - Helvécia

Quanto à importância de tais manifestações para a comunidade, os relatos dos entrevistados de Caravelas dizem:

É que não deixa morrer as raízes culturais do nosso povo. (entrevistado 07<sup>47</sup>).

Seria a maior, de preservar essas culturas que se não houver essa preservação elas desaparecem. E porque Caravelas sempre foi vista como uma cidade que é considerada o berço da cultura do extremo sul da Bahia. Então, para a cidade, seria maravilhoso resgatar isso. (entrevistado 01).

Considero importante por que atrai o turismo, nuns lugar as pessoas não conhecem essa cultura que veio das raízes dos africano, do Candomblé, da Umbanda. O que veio da raiz dos africanos foi a Umbanda, a Umbanda e a Angola. Então o branco tomou conhecimento da Umbanda e fundou o Candomblé. (entrevistado 02).

Caravelas é reconhecida até pelas pessoas da própria comunidade como uma cidade cultural, e a manifestação cultural mais forte, mais presente dentro de Caravelas são essas manifestações que eu citei, que estão todas relacionadas com a questão negra e indígena. (entrevistado 03).

[...] Na região o foco de drogas está muito grande então através da capoeira e do Projeto Mais Educação em várias escolas a gente orienta o pessoal que diga não a prostituição, não as drogas, não a violência e estamos tendo um resultado muito bom. (entrevistado 08<sup>48</sup>).

São. Essa minha brincadeira anda até pelo exterior. (entrevistado 09<sup>49</sup>).

Numa análise dos resultados, quanto ao grau de importância atribuído às manifestações afro-brasileiras presentes em Caravelas, entrelaçam-se o caráter histórico, o lúdico e o educacional. GIDDENS (1990) apud HALL (2006, p.15) traz a seguinte reflexão: “As práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, seu caráter”.

Ainda sobre a importância da cultura, GIDDENS (2005) citado na página 27 desse trabalho, argumenta que o conjunto cultural de uma sociedade é composto por aspectos tangíveis e intangíveis. O que justificaria, pelos entrevistados, a atribuição de valores diferenciados às manifestações culturais. Enquanto o

<sup>47</sup> Auxiliar de enfermagem e professor – Caravelas.

<sup>48</sup> Educador físico e mestre da capoeira – Caravelas.

<sup>49</sup> Motorista aposentado – Coordena o grupo dos Índios Tupinambás e o grupo das Nagôs.

entrevistado 01 destaca o aspecto de preservação de valores, o entrevistado 08 observa o valor educacional, ao passo que o entrevistado 09 as vê como brincadeiras.

Em Helvécia, nos relatos acerca da importância dessas manifestações, apurou-se que:

É de grande valor porque uma cidade, um distrito sem cultura não existe. Temos que valorizar nossa cultura para que outras pessoas venham conhecer realmente a história do nosso distrito, da nossa cidade. (entrevistado 05).

Como sempre digo, há um ditado bem conhecido mundialmente “uma comunidade sem cultura é uma comunidade sem documento”. É muito importante para o reconhecimento da comunidade. Helvécia tem uma história grande e tem influência africana, só enriquece a nossa comunidade e quem participa né? (entrevistado 10<sup>50</sup>).

A importância é que servem para resgatar nossas origens de antes. Muitas coisas as pessoas acabam esquecendo. Antigamente tinha mais coisas só que as pessoas acabam esquecendo porque ninguém conseguiu continuar, mas é muito importante pra todo mundo, pra saber a origem de cada um, de onde veio, quem trouxe para cá. (entrevistado 04).

É importante sim. Às vezes nem todos da comunidade aceita. [...] Então tem muito frutos plantados aqui, muitas raízes que às vezes pessoas daqui mesmo não valoriza. Inclusive hoje os professores já trabalham encima dessas coisas com os alunos, que é muito importante. (entrevistado 06).

Nas informações obtidas com os entrevistados de Helvécia nota-se um conceito mais coeso sobre a importância de tais manifestações, prevalecendo o valor histórico como forma de entender e preservar suas tradições. GIDDENS (1990) *apud* HALL (2006) disse que

Nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam as experiências de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes. (p.14-15).

---

<sup>50</sup> Vigia noturno – Helvécia.

Em Helvécia o valor atribuído aos elementos culturais permite que tanto representantes de entidades e associações ligadas ao tema quanto nativos, percebam as tradições como forma de perpetuar sua história.

Ao serem perguntados se os sites de notícias da região publicam matérias relacionadas às manifestações culturais de raízes africanas os entrevistados de Caravelas e Helvécia disseram:

Publica sim. Pouco, mas publicam sim (entrevistado 11<sup>51</sup>).

Só no período do Carnaval. (entrevistado 12<sup>52</sup>).

Não, não registram não. Fica só entre a comunidade só. (entrevistado 13<sup>53</sup>).

Para falar a verdade, nunca observei não. Pra quem visita, quem vê ao vivo, acho que o tipo de divulgação é essa, uma pessoa vindo visitar a cidade e olhar os manifestos que tem aqui. Agora em internet, em meios comunicativos, acesso sempre, mas não vejo. (entrevistado 14<sup>54</sup>).

Não, não. [...] ainda somos muito discriminado ainda. (entrevistado 02).

De uns tempos pra cá tem alguns que publicam. Tem o caravelasnews que sai sempre, mas ainda é muito pouco. (entrevistado 08).

Publicam. [...] Tem o pessoal de Posto da Mata que está contribuindo também, mas é um site que está começando agora. De grande importância é a FM 3 Corações e o Teixeiranews.(entrevistado 05).

Sim, só não sei te informar qual porque sou meio desligado da internet. Já vi sobre algumas manifestações como capoeira, bate barriga, um evento do ano passado que todo ano a gente faz dia 20 de novembro com várias manifestações culturais, já vi na internet. (entrevistado 10).

Quando tem alguma coisa, alguma manifestação eles divulgam. Mas divulgar mesmo, atualmente, não. Uso internet com frequência e só divulgam quando tem alguma manifestação de muita importância e eles comentam. Falam mais em rádio, em internet não. (entrevistado 04).

Pouco, mas já. O Ciro Barcelos mesmo já colocou muitas coisas na internet. Mas não foi o suficiente. [...] A gente não deve deixar acabar por que além do funk, dessas danças de hoje, tem nós da terceira idade que queremos acolher o nosso Bate Barriga, o Samba de Viola, a Dança de Nagô. Não deixem morrer as tradições, mesmo que não venham de corpo presente, na história tem que permanecer. (entrevistado 06).

---

<sup>51</sup> Professor de música do Projeto Arte Manha – Caravelas.

<sup>52</sup> Funcionário público e voluntário na produção de audiovisual e documentário no Arte Manha. Caravelas.

<sup>53</sup> Estudante – Ponta de Areia – Caravelas

<sup>54</sup> Auxiliar de enfermagem e professor – Caravelas.

O resultado obtido a partir dessas respostas aponta a possibilidade de influência do estágio de formatação em que ainda se encontra o *webjornalismo*. De acordo com os estudos de MIELNICZUK (2003), citado nesse trabalho na página 21, “o jornalismo desenvolvido para a web não é um fenômeno concluído, e, sim, em constituição” (p.21). Os entrevistados, de modo geral, percebem essas publicações, apenas em eventos de maior porte, e por isso, esporádicas.

O processo de filtragem da notícia seria um dos fatores responsáveis pela não publicação de eventos relacionados a essas manifestações. PADILHA (1979) afirma que,

É visível que na era da cibercomunicação o jornalismo está diante de um dilúvio informacional. Isso tem preocupado os profissionais. Como atender a um público tão diversificado e pulverizado e como abarcar as demandas emergentes de conteúdo? É preciso saber filtrar a informação. Ser seletivo. (p.114).

Há um grande interesse financeiro que rege a filtragem do que deve ser publicado ou não. Notícias culturais rendem pouco acesso, desmotivando os profissionais do *webjornalismo* a publicá-las. Apesar de a *cibercultura* proporcionar um extenso banco de dados, o valor mercadológico da notícia continua sendo o principal motivador de publicações na internet. PALACIOS (1999) *apud* PALACIOS (2003) na página 25 deste trabalho, argumenta que, “a acumulação de informações é mais viável técnica e economicamente na Web do que em outras mídias”.

Sobre como gostariam que a imprensa noticiasse as manifestações culturais afro-brasileiras locais, apurou-se, tanto em Caravelas quanto em Helvécia:

Primeiro, fazer um levantamento de todas essas manifestações e a partir daí com esse trabalho de resgate fazer um trabalho pra que as pessoas possam lembrar, ter o conhecimento mais amplo. Muitos aqui, por exemplo, não tem nem consciência de que há uma influência muito grande da nossa cultura com a África. [...] Pensam só na cor e esquecem comida, esquece dança, esquece religião, esquece um monte de coisas. Então, esse trabalho seria importantíssimo. (entrevistado 01).

O que falta nos órgãos da imprensa, quando divulgam as manifestações culturais de Caravelas, não é mostrar o bonito que tá ali na rua naquele dia, é mostrar o antes. (entrevistado 12).

A história de Caravelas deveria ser divulgada, como surgiu, os índios, principalmente a entrada dos negros aqui. Eu acho que Caravelas seria a mãe Brasil.(entrevistado 14).

Eu acho que primeiramente deveria tratar com respeito. As pessoas deveriam aprofundar mais, entender, pesquisar mais, para entender. [...] se você imaginar aqui em Caravelas o Grupo de Nagôs tem mais de setenta anos, o Bloco de Índios deve ter aí seus setenta ou mais que existe, que vem passando de geração em geração, a escola se samba é mais velha que a maioria das escolas de samba do Rio, tem mais de cinquenta anos.[...] entender um pouco a história, como foi construída essa história, como foi construída a resistência negra nesse país, porque justamente essa manifestações culturais, o terreiro de Candomblé é o grande foco de resistência negra. (entrevistado 03).

Gostaria de ver a cultura como ela é e como é feita, ver as pessoas que estão nos apoioando e sendo cada vez mais divulgado de maneira correta. Sendo divulgada de maneira correta, as pessoas veem com bons olhos e a gente pode crescer cada vez mais e ter mais apoio. (entrevistado 05).

Com a realidade mesmo. Do envolvimento daquelas pessoas que lutaram, batalham sem o patrocínio ou com patrocínio. (entrevistado 10).

Gostaria que fosse com mais importância. Se um site divulgasse isso aqui, ficaria muito mais interessante. Falar o que tem, como faz para as pessoas conhecerem, se quer apresentar alguma cidade. (entrevistado 04).

Os relatos revelam que a expectativa dos entrevistados quanto à forma de abordagem dos eventos e acontecimentos culturais das localidades pesquisadas seria de um estudo mais aprofundado dos elementos antes de cada publicação. Isso se faz necessário porque mesmo as pequenas e tradicionais comunidades estão hoje, de alguma maneira, conectadas ao mundo virtual. MELO (2012) na página 22 desta monografia afirma em relação ao acesso à internet que, “os usuários atuais já não mais pertencem aos extratos superiores da nossa pirâmide social, como ocorria recentemente”. Dessa forma, a cultura e os valores que constituem uma comunidade devem ser retratados na produção jornalística. O jornalismo digital, pela convergência que lhe é peculiar, oferece plenas condições para essa democratização da informação.

## 5 BREVES CONSIDERAÇÕES

Pesquisar a interlocução do *webjornalismo* com as manifestações culturais de raiz africana presentes no extremo Sul da Bahia, para a construção desse trabalho monográfico, permitiu aos autores uma compreensão detalhada do universo informacional do jornalismo digital dessa região quanto ao tema. Possibilitou também, decifrar a relação desse formato jornalístico com as manifestações culturais das comunidades remanescentes da colonização escravocrata europeia, com vistas para Caravelas e Helvécia.

A composição das manifestações culturais de matriz africana tem como características predominantes, a exuberância das cores, a cadência sonora semitribal entre outros símbolos e signos extremamente característicos. O extremo Sul da Bahia, pela densidade da presença de manifestações afro descendentes nos municípios que o compõe, apresenta um universo de possibilidades de pautas informativo-cultural-sociológicas a serem aplicadas no *webjornalismo*. São elementos que se intercalaram a outros da modernidade dando origem a novas formas de manifestação, preservando, porém, suas raízes. Mesmo sofrendo

hibridação, essas manifestações continuam tendo forte apelo cultural e necessitam serem difundidas para um reapoderamento pelos sujeitos inerentes a essa cultura.

As cores, a estética, a sonoridade e a carência de informações dessa ordem, apontam para a necessidade de uma relação de troca mais ampla entre o webjornalismo e as manifestações de natureza afro brasileira. Faz-se necessário sensibilizar os profissionais e empresários da intermídia quanto à importância da difusão e fortalecimento de aspectos culturais tão específicos, visto que essas tradições são parte integrante da história de um povo.

As transformações relacionadas à *cibercultura* ainda estão em curso e os profissionais do webjornalismo, num processo de adaptação a esse novo fazer jornalístico. A prática jornalística no formato conservador é gradativamente substituída por uma forma mais aberta e veloz, onde no aproveitamento dos espaços virtuais, a cultura não deve ser apresentada apenas simbolicamente, mas, em todos os seus contornos.

Com a interpretação dos resultados da pesquisa alcançou-se o objetivo inicial deste trabalho. Constatou-se que o webjornalismo contribui de forma tênue para a disseminação das manifestações culturais de matriz africana nos municípios estudados. Percebeu-se que apesar dos profissionais dos *web sites* terem autonomia no trato dessas matérias, só as pautam com maior frequência, aqueles que possuem algum envolvimento com o tema em questão.

Espera-se que percebam que a contribuição do webjornalismo para a propagação e fortalecimento das manifestações culturais de matriz africana no extremo Sul da Bahia, dar-se-á também, pela reunião de dados, constituindo assim,

um arquivo virtual, com um número incalculável de informações, ao alcance de todos.

É importante ressaltar a condição de não finitude deste trabalho, estando a pesquisa aberta para novos estudos que possam dar conta de outras variáveis, já que não foi a intenção dos autores concluir o assunto pesquisado.

## 6 REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Jean. **Retrato histórico de Nova Viçosa-Bahia**. Nova Viçosa, BA, 2006.
- BARBERO, Jesús Martin. **Dos Meios às Mediações. Comunicação, cultura e hegemonia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- BASTIDE, Roger. **Estudos afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- \_\_\_\_\_ **O Candomblé da Bahia: rito nagô**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- BASTOS, Gustavo Kreuzig. **Internet e Informática para Profissionais da Saúde**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter, 2002.
- BRITO, Breno. **Webjornalismo, Características**. Aula disponível em: [www.brenobrito.com/files/WEBJORNALISMO-AULA\\_04.pdf](http://www.brenobrito.com/files/WEBJORNALISMO-AULA_04.pdf). Acessado em 25/06/2012 às 20:45.
- CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e terra, 1999.
- \_\_\_\_\_ **A sociedade em rede**. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2000.
- CARMO, Alane Fraga do. **Colonização e escravidão na Bahia: A Colônia Leopoldina (1850-1888)**. Dissertação de Mestrado. Bahia, 2010. Disponível em [http://www.ffch.ufba.br/IMG/pdf/2010alane\\_fraga\\_do\\_carmo.pdf](http://www.ffch.ufba.br/IMG/pdf/2010alane_fraga_do_carmo.pdf). Acesso em 25/08/2012 às 23h38min.
- CASTRO, Jânio Roque Barros de. **O papel das manifestações culturais locais / regionais no contexto da turistificação das festas juninas espetacularizadas em cachoeira, BA**. Artigo científico. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia. 2009. Disponível em [www.cult.ufba.br/eneicult2009/19383.pdf](http://www.cult.ufba.br/eneicult2009/19383.pdf). Acesso 16/05/2012 às 23h00min.

COMUNICAÇÃO, Ministério das. **Programa Nacional de Banda Larga**. Disponível em <http://www.mc.gov.br/acoes-e-programas/programa-nacional-de-banda-larga-pnbl>. Acesso 12/08/2012 às 20h34min.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1984.

DAMAZIO, Reynaldo. **Cultura sem fronteiras: Entrevista a Néstor Canclini**. Revista de Occidente. Disponível em [www.edusp.com.br/cadleitura/cadleitura\\_0802\\_8.asp](http://www.edusp.com.br/cadleitura/cadleitura_0802_8.asp). Acesso 06/06/2012 às 16h42min.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Suely Ferreira Deslandes, Otavio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FIGUEIREDO, Luciano. Mônica Lima e Souza. **Raízes africanas**. Rio de Janeiro: Sabin, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Martin W. Bauer e George Gaskell. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LCT, 1989.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole. O que a globalização está fazendo de nós**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

\_\_\_\_\_  
**Sociologia**. 6. ed. São Paulo: Penso – Artmed, 2011.

GOMES, Flávio dos Santos. **Negros e Políticas (1888-1937)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora., 2005.

GUIZZO, Érico. **Internet. O que é. O que oferece. Como conectar-se**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentação de metodologia científica**. Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. 6. Ed. São Paulo: Atlas 2007.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática**. 2 ed. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2010.

LIMA, Fábio Batista. **Os Candomblés da Bahia: tradições e novas tradições**. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2005.

LUCCHESI, Dante e Alan Baxter. **A comunidade de fala Helvécia – BA**. Disponível em <http://www.vertentes.ufba.br/a-comunidade-de-fala-de-helvacia-ba>. Acesso dia 20/08/2012 às 20:35.

MELO, José Marques de. **História do Pensamento Comunicacional**. São Paulo: Paulus, 2007.

MELO, José Marques de e Daniel Castro. **Panorama da Comunicação das Telecomunicações no Brasil**. Brasília: Ipea, 2012.

MIELNICZUCK, Luciana. **Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. Tese apresentada ao curso de doutorado. Universidade Federal da Bahia, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia Maria Bessone da C. **História e Imprensa. Representações Culturais e Práticas de Poder**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

PADILHA, Sônia. **A cibercultura manifesta na prática do webjornalismo**. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 1979.

PALÁCIOS, Marcos. **Jornalismo Online, Informação e Memória: Apontamentos para debate**. Disponível em [http://www.eca.br/pibr/arquivos/artigos4\\_f.htm](http://www.eca.br/pibr/arquivos/artigos4_f.htm). Acesso em 13/09/2012 às 08h49min.

PARISER, Ali. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Editora Zahar. Rio de Janeiro, 2012.

PENNA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

REIS, Jessyluce Cardoso. Wilbert Rodrigues de Oliveira. **Elaboração de trabalhos acadêmicos**. Vila Velha: Opção Editora, 2012.

RIOS, Sebastião. **Manifestações culturais de origem africana**. Blog Sofia, 2010. Disponível em [alfodias.blogspot.com.br/2010/11/manifestacoes-culturais-de-origem.html](http://alfodias.blogspot.com.br/2010/11/manifestacoes-culturais-de-origem.html). Acesso dia 19/05/2012 às 22h30min.

RUIC, Gabriela. **A cada segundo, um computador é vendido no Brasil, diz FGV**. <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/a-cada-minuto-um-computador-e-vendido-no-brasil-diz-fgv>. Acesso em 09/08/2012 às 21:20h

SANTOS, Ubiraci Gonçalves dos. **Manifestação cultural Afro brasileira: Capoeira**. Artigo científico. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/16219761/MANIFESTACAO-CULTURAL-AFRO-Capoeira>. Acesso em 15/05/2012 - 23h00min.

SANTOS, Valdir Nunes dos. **As manifestações culturais de Helvécia no Extremo sul da Bahia: a dança Bate-barriga como fabricante de performances afro-descendentes**. Dissertação de Mestrado. Minter UNIRIO/FAESA, 2007.

SOUZA, Vilson Caetano de. **Orixás, santos e festas: encontros e desencontros do sincretismo afro-católico na cidade de Salvador**. Salvador, BA: UNEB, 2003.

TERRA, Portal. **Anos 90: o desenvolvimento da internet no Brasil**. <http://tecnologia.terra.com.br/internet10anos/interna/0,,OI541825-EI5026,00.html>. Acesso dia 15/08/2012 às 03 h.

VERGER, Fundação Pierre. **Orixás: Verger e o Candomblé**. Disponível em [www.pierreverger.org/fpv/index.php?option=com\\_content&task=view&id=14&Itemid=155&limit=1&limitstart=2](http://www.pierreverger.org/fpv/index.php?option=com_content&task=view&id=14&Itemid=155&limit=1&limitstart=2). Acesso em 15/05/2012 – 23h55min.